



13^a MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS

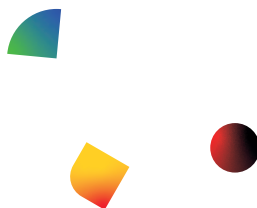




mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br



O Ministério da Cultura e o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania apresentam



13ª MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS

VENCER O ÓDIO, SEMEAR HORIZONTES



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

13ª Mostra cinema e direitos humanos : vencer o ódio, semear horizontes / Elianne Ivo...[et al.] ; organização Renata Palheiros ; coordenação India Mara Martins. -- Niterói, RJ : Ed. dos Autores, 2024.

Outros autores: Lúcia Monteiro, Douglas Resende, India Mara Martins
ISBN 978-65-00-92992-8

1. Cinema 2. Crítica cinematográfica 3. Direitos humanos I. Ivo, Elianne. II. Monteiro, Lúcia. III. Resende, Douglas. IV. Martins, India Mara. V. Palheiros, Renata.

24-191866

CDD-791.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Cinema 791.43

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

13ª Mostra Cinema e Direitos Humanos

Produção do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense - UFF

Realização do Ministério da Cultura e do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

Brasil, 2023-2024

Índice

apresentações

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania	06
Ministério da Cultura	07
Reitoria da Universidade Federal Fluminense	08
Departamento de Cinema e Vídeo UFF	09

a mostra

Mostra Cinema e Direitos Humanos: desafios de produção e a universidade pública Índia Mara Martins	12
Evento de lançamento	16

O poder do sonho, a força das imagens Lúcia Monteiro	21
Silvio Tendler – Uma jornada cinematográfica entre história, política e memória Elianne Ivo Barroso	29
Programas	35
Filmes da Mostra	36
Mostra Difusão	62

oficina

O cinema como experiência apropriável – maneiras de partilha de uma prática Douglas Morais Resende Teresa Assis Brasil Cintya Ferreira Mendes	63
Ficha técnica	75
Agradecimentos	88



apresentações

É com grande alegria e esperança renovada que o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, por meio da Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos, celebra a retomada da **Mostra Cinema e Direitos Humanos**, em sua décima terceira edição, após um hiato de cinco anos.

O ano de 2023 marcou um período crucial de reconstrução das políticas de direitos humanos no Brasil, e 2024 anuncia sua consolidação e aprofundamento, além da abertura de novas pautas e frentes de atuação. A **13ª Mostra Cinema e Direitos Humanos** reflete e avança esse processo, por meio do audiovisual como ferramenta de pedagogia e sensibilização cultural para os direitos humanos em suas múltiplas dimensões. Entre as novidades desta edição estão as oficinas de Cinema e Educação para formar multiplicadores, alcançando mais de 700 educadores em todo o país; e, além das exibições em salas nas 26 capitais e Distrito Federal, os filmes serão disponibilizados também on-line no formato *streaming*.

Mas não apenas isso: esta edição da Mostra coincide com uma encruzilhada existencial da própria democracia brasileira. Um ano atrás, os prédios dos três poderes foram violentamente invadidos e depredados por aqueles que recusaram a vontade popular expressa no voto e os pilares do Estado Democrático de Direito. O tema da 13ª Mostra – *Vencer o ódio, Semear horizontes* – expressa não apenas a recusa do ódio e do extremismo, mas, sobretudo, o esperançar de um novo horizonte de fortalecimento da democracia e dos laços que unem o povo brasileiro.

Esperamos, portanto, que esta edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos seja mais um passo na renovação, expansão e consolidação das políticas de educação e cultura em direitos humanos, para todas as partes do Brasil, para as periferias das grandes cidades, para os interiores dos estados; através do fortalecimento de novas e tradicionais parcerias institucionais, da participação social, do cuidado para com nossos concidadãos – em especial os mais vulneráveis – e com a própria integridade da nossa democracia.

Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos
Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania





Em tempos de união e reconstrução e de retomada do trabalho para garantia de direitos fundamentais, um dos pontos centrais desta 13ª edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos é a defesa do direito fundamental ao sonhar, e a construir futuros. E o que é a Arte, e o Cinema, senão, também, a possibilidade de representação de utopias?

O Ministério da Cultura, através da Secretaria do Audiovisual, alegra-se em fazer parte da retomada desta fundamental iniciativa, que tem o papel de difundir, emocionar, questionar e ampliar o debate para consolidação dos Direitos Humanos a partir da difusão do nosso audiovisual brasileiro, e de suas fabulações e utopias materializadas em imagens. Nesse sentido, agradecemos ao Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania pelo convite a nos somarmos a essa iniciativa, à Universidade Federal Fluminense e à equipe de produção constituída pelos esforços para concretizar essa ação, e à toda a rede de exibição e difusão constituída para difundir os filmes dessa edição da Mostra.

O tema *Vencer o ódio, Semear horizontes* se concretizou em uma curadoria plural, seja do ponto de vista temático, seja do ponto de vista dos olhares e dos lugares de fala de quem realiza essas obras, ampliando percepções e leituras de realidades e de futuros. Esperamos que esses filmes cheguem a um público amplo, aberto ao diálogo, e disposto a transformar utopias em realidade.

Desejamos boas sessões, bons debates e vida longa a Mostra Cinema e Direitos Humanos!

Ministério da Cultura



Temos a honra de apresentar o catálogo da 13ª Mostra Cinema e Direitos Humanos, realizada em colaboração com os Ministérios da Cultura e dos Direitos Humanos e da Cidadania. Esta mostra representa a extensão do nosso compromisso institucional com as pautas de direitos humanos e humanidade, refletindo um projeto mais amplo de reestruturação de políticas públicas neste âmbito.

A 13ª edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos marcou a retomada das políticas de direitos humanos no Brasil. Após um hiato, sua realização em 2023 representa um renascimento e um reforço do compromisso com estes temas essenciais. A presença do Ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Sílvio Luiz de Almeida, na abertura da mostra reforçou a importância deste evento como um espaço de diálogo e reflexão sobre questões fundamentais que afetam nossa sociedade.

Um dos elementos centrais desta edição foi a ênfase na Defesa da Democracia, um objetivo alcançado especialmente pelo resgate da memória. Este foco ressalta a importância de olhar para o passado para entender e moldar o futuro, utilizando a arte cinematográfica como uma ferramenta poderosa para iluminar eventos históricos e promover uma reflexão sobre como esses eventos continuam a influenciar a sociedade atual.

Produzida pelo Departamento de Cinema e Vídeo da UFF, a 13ª Mostra cobriu uma diversidade de temas e perspectivas, apresentando obras de cineastas de todas as regiões do Brasil. Essa diversidade reflete não apenas a riqueza do cinema brasileiro, mas também sua capacidade de abordar questões de justiça, inclusão e o direito de sonhar de maneiras impactantes e transformadoras.

Ao apresentar este catálogo, convidamos todos a explorar as obras apresentadas e a se engajarem na discussão crítica e necessária sobre os direitos humanos, um pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, diversa e igualitária.

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega
Reitor da Universidade Federal Fluminense

SONHAR O CINEMA, SONHAR EM CINEMA

Em julho de 2023, fomos procurados pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) para iniciarmos os trabalhos de retomada da Mostra Cinema e Direitos Humanos. O Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense já possuía uma história de colaborações com o MDHC, que felizmente estava sendo reconstruído. Mais de uma década atrás havia sido iniciada uma parceria entre o Laboratório Kumã de Experimentação em Imagem e Som da UFF e a então Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República para a realização de um projeto de cinema e educação que, ao longo dos anos seguintes, atuou em escolas de todo o país. Foi um marco na trajetória do Kumã, fundado em 2011 pelo professor Cezar Migliorin, que conta hoje com mais de uma dezena de publicações e projetos exitosos, desde o fundador *Inventar com a Diferença*, que desenvolveu metodologias para o trabalho com cinema nas escolas, até os atuais grupos teórico-práticos de cinema e clínica, que marcam a expansão internacional do laboratório – o professor Douglas Resende, integrante do laboratório, escreveu um texto emocionante sobre essa experiência (p. 64 deste catálogo).

Para a 13ª edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos, nossa ideia foi associar a exibição de filmes ao desenvolvimento de oficinas de criação cinematográfica, de modo que possam servir como referência, não apenas por representar uma temática relevante socialmente, mas também porque compartilham uma experiência, um processo, um modo de fazer que nos aparece como algo possível, reapropriável, inspiram uma prática que pode ser experimentada com pouquíssimos recursos.

A montagem da mostra mobilizou diretamente quatro professores de nosso Departamento: India Mara Martins (coordenadora geral), Cezar Migliorin (coordenador pedagógico), Douglas Resende (coordenador de educação) e Lúcia Monteiro (curadora). Somaram-se à equipe estudantes de graduação e pós-graduação, um conjunto orquestrado pelos coordenadores de produção Renata Palheiros e Kerlon Lazari. Em parceria também com o Ministério da Cultura e com universidades dos 26 estados e do Distrito Federal, esta 13ª edição da Mostra se concretiza agora com a realização das oficinas e a chegada dos filmes aos cinemas e outros locais de exibição nas 26 capitais e em Brasília. Exibições ocorrem também em pontos de cultura e os filmes devem atingir um público ainda mais amplo através de sua disponibilização em uma plataforma de *streaming* gratuita, criada especialmente para o projeto.

Costuma-se associar o cinema à ideia de “fábrica de sonhos”, uma expressão que talvez acentue o aspecto grandioso da chamada “sétima arte”. Nossa proposta aqui vai na contramão: queremos aproximar o cinema do público. Para isso, escolhemos exibir, sobretudo, curtas-metragens, formato que permite experimentações com mais leveza e liberdade. Além disso, selecionamos filmes cujas estratégias de realização – seus dispositivos – podem ser apropriadas por qualquer pessoa, dando ensejo a novas criações. Com a convicção no poder das imagens sonhadas pelo cinema através dos tempos e a força da criação em grupo, esperamos que públicos amplos e diversos desfrutem dos filmes e participem das oficinas, experimentando o cinema de grupo. Nosso convite ultrapassa, portanto, o *sonhar com o cinema*, para convidar vocês a *sonhar em cinema*, ou seja, *com os meios do cinema*, junto conosco.

Departamento de Cinema e Vídeo
Universidade Federal Fluminense

a mostra



MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS DE PRODUÇÃO E A UNIVERSIDADE PÚBLICA

INDIA MARA MARTINS¹

O cinema é uma forma de expressão privilegiada na promoção dos Direitos Humanos, seja de forma direta, na escolha de temas que dialogam com questões que afetam as minorias e os grupos em situação de vulnerabilidade, ou indireta, retratando experiências, registrando e recuperando momentos históricos nos quais os direitos humanos foram desrespeitados de forma sistemática. O Brasil recentemente vivenciou diversas situações desse desrespeito e o recrudescimento de práticas e discursos contra os direitos humanos, os quais foram temas da produção audiovisual brasileira especialmente na última década. Muitos desses filmes estão presentes na seleção realizada pela curadoria da 13ª Mostra Cinema e Direitos Humanos.

O relatório Direitos Humanos nas Américas, elaborado pela Anistia Internacional (2019), apontou que, no Brasil, foram adotadas medidas administrativas e legais que colocaram em prática uma retórica abertamente contrária aos direitos humanos, disseminada por governos municipais, estaduais e no âmbito federal. Essas abordagens políticas afetaram diversas áreas, principalmente as que envolvem questões ambientais, raciais, dos grupos LGBTQIAPN+ e relacionadas aos direitos das mulheres.

A retomada da Mostra Cinema e Direitos Humanos neste momento é, então, fundamental para que esses eventos não sejam esquecidos e, principalmente, repetidos como política de Estado. Apesar de estarem presentes em outros eventos cinematográficos, tais filmes ganham uma nova dimensão quando inclui-

1. Professora do Departamento de Cinema e Vídeo e do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense - UFF desde 2009. Foi coordenadora institucional do projeto Inventar com a Diferença de 2015 a 2017 e participou da organização da 9ª Edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos. Em 2019 foi coordenadora geral da 4ª Edição do Festival de Cinema do BRICS, que aconteceu em Niterói. Atualmente coordena o projeto de pesquisa Produção audiovisual, direção de arte e estratégias de sustentabilidade e é fundadora e coordenadora da Araci Incubadora de Projetos de Cinema e Audiovisual.

dos na programação de uma mostra que apresenta alguns pressupostos incontornáveis em sua estrutura e base de organização, como regionalização, simetria e acessibilidade.

A regionalização, estabelecida como princípio desde a sua primeira edição, está na dimensão nacional da Mostra, que é realizada nas 26 capitais e no Distrito Federal. A 13ª edição da Mostra levou a questão da regionalidade também para a curadoria, que na seleção de filmes privilegiou filmes das cinco regiões do país. Simetria, porque o formato da Mostra Cinema e Direitos Humanos é replicado com as mesmas características em todas as cidades que a recebem. Isso significa que todas as cidades terão acesso aos mesmos recursos disponibilizados pela produção nacional, com as mesmas sessões, eventos e ações paralelas planejadas para o evento, considerando as características e peculiaridades locais. A acessibilidade é um pressuposto e uma preocupação e acontece na adequação dos filmes exibidos, que geralmente apresentam audiodescrição, LIBRAS e legenda descritiva, assim como as salas de exibição e os espaços destinados às atividades do evento são escolhidos, considerando as suas condições de acesso para pessoas com deficiência.

Em um país continental como o Brasil, realizar um evento nacional com os princípios fundadores da Mostra Cinema e Direitos Humanos transformam a sua realização em um enorme desafio para os seus produtores e organizadores. Mesmo diante desses desafios foram realizadas 12 edições da Mostra entre os anos de 2006 e 2018, até sua produção ser interrompida em 2020 devido à pandemia da Covid-19. Nestes 12 anos de existência a Mostra teve como tema questões importantes para o campo dos direitos humanos e, a partir da sua segunda edição, incluiu a Mostra Homenagem, que destacou personagens fundamentais para a história do audiovisual. (Ver quadro com temas e homenageados no final do texto.)

A sua décima terceira edição é uma realização da Assessoria de Educação e Direitos Humanos, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e do Ministério da Cultura. A produção foi retomada pelo Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF), que, por meio do Kumã – Laboratório de Experimentação em Imagem e Som, realizou a 8ª e a 9ª edição. A realização da Mostra por uma universidade, no caso a UFF – que tem o segundo curso de Cinema e Audiovisual mais antigo do país –, é também uma valorização da academia e da sua capacidade de interação com a sociedade a partir das suas áreas de atuação.

Esta edição da Mostra levou também este aspecto ao seu limite, ao envolver outras 26 universidades e institutos federais de ensino na organização do evento em cada capital, com a participação de professo-

res como produtores locais e discentes, atuando em diferentes frentes de trabalho necessárias para a realização de uma mostra de cinema, assim como produtores do mercado, atuando em parceria com alguns professores, dando apoio à produção local. Neste modelo de organização, o produtor local é fundamental para mobilizar e envolver a comunidade local e ampliar o debate sobre direitos humanos, deflagrado pela exibição dos filmes e as atividades da Mostra. A expectativa é a de que os filmes se desloquem da sala de cinema para as salas de aula, assim como para as salas de cineclubes, organizações comunitárias e outros espaços públicos.

A 13ª edição da Mostra também retoma a realização de oficinas de Cinema-Educação, coordenadas pelo Kumã, que trabalha com dispositivos desenvolvidos pelo projeto Inventar com a Diferença. Projeto este que nasceu durante a realização da 8ª edição da Mostra pela UFF. As oficinas serão abertas aos professores do ensino fundamental e às instituições educacionais não formais que desejem inserir o audiovisual no currículo de artes das suas escolas e instituições. Todas as atividades que fazem parte da 13ª edição são gratuitas e abertas ao público.

Outrossim, a retomada da realização da Mostra Cinema e Direitos Humanos pela Universidade Federal Fluminense, envolvendo as demais universidades federais brasileiras, possibilita a ampliação do debate sobre Direitos Humanos em um cenário educacional extremamente afetado pelo descrédito na educação e na ciência nos últimos anos. Esse descrédito, mais do que inviabilizar um projeto de educação pública e gratuita, fortaleceu a certeza de que a universidade precisa estar mais próxima da sociedade. Neste momento de reconstrução do país, ter a universidade como a responsável por um dos maiores eventos de audiovisual – seja por sua dimensão nacional, seja por sua proposta – é um voto de confiança na capacidade de inserção social da universidade pública brasileira.

TEMAS E HOMENAGEADOS PELA MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS POR EDIÇÃO

1ª Mostra	2006	Declaração Universal dos Direitos Humanos	--
2ª Mostra	2007	Declaração Universal dos Direitos Humanos e Igualdade nas Américas	Fernando Solanas (Argentina)
3ª Mostra	2008	60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos	Cine Ojo (Argentina)
4ª Mostra	2009	Iguais na Diferença	Vídeo nas Aldeias (Brasil)
5ª Mostra	2010	Direito à memória e à verdade	Ricardo Darín (Argentina)
6ª Mostra	2011	Direito à memória e à verdade; saúde mental; infância e adolescência; velhice; LGBT	--
7ª Mostra	2012	População em situação de rua; combate à tortura; direito à memória e à verdade	Eduardo Coutinho (Brasil)
8ª Mostra	2013	Cinema Indígena	Vladimir Carvalho (Brasil)
9ª Mostra	2014	50 anos do golpe civil-militar – direito à memória e à verdade	Lucia Murat (Brasil)
10ª Mostra	2015	Criança e adolescente – 25 anos do ECA	Mostra Cinema e Direitos Humanos
11ª Mostra	2017	Gênero	Laís Bodanzky (Brasil)
12ª Mostra	2018	70 anos da DUDH	Milton Gonçalves (Brasil)
13ª Mostra	2023-2024	Vencer o ódio, semear horizontes	Silvio Tendler (Brasil)




2023 | 2024
BRASIL
13ª MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS

Cerimônia de lançamento da 13ª Mostra Cinema e Direitos Humanos, Cine Arte UFF, 06 de dezembro de 2023.

EVENTO DE LANÇAMENTO

A 13ª Mostra Cinema e Direitos Humanos iniciou suas atividades em dezembro de 2023 com um evento de lançamento no Cine Arte UFF, em Niterói (RJ), contando com a presença de autoridades nacionais, entre elas o ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, que abriu oficialmente os trabalhos da Mostra.

“O cinema tem papel fundamental no que podemos falar de humanização e de um projeto de país mais democrático. Neste momento difícil, precisamos dos artistas e do cinema para restaurar a energia do Brasil.”

Silvio Almeida

O evento contou também com a presença do homenageado da edição, o cineasta Silvio Tendler, que recebeu a placa de homenagem das mãos do ministro Silvio Almeida, seguido pela exibição de filmes do cineasta, como uma minibiografia e uma prévia do filme ainda inédito *Exílio e Memória*, rodado por Silvio Tendler, em setembro, no Chile, nos atos que lembraram os 50 anos do golpe que derrubou o presidente Salvador Allende e a importância da defesa da democracia no continente. Tendler viveu no Chile em 1973, antes da queda do governo.

“Agradeço a UFF e ao ministro. Estou muito feliz de poder voltar nesta sala de cinema, onde participei de muitos debates sobre o nosso país, após exibições de filmes. Acompanho essa mostra desde a criação, em 2006, e é uma alegria ser o homenageado da 13ª edição.”

Silvio Tendler

Também participaram do evento o reitor da UFF, Antônio Cláudio da Nóbrega, que, ao lado do ministro, elogiou a iniciativa e a parceria entre as instituições; a secretária do Audiovisual do Ministério da Cultura (MinC), Joelma Gonzaga, a secretária executiva do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), Rita Cristina de Oliveira, e a assessora especial em Educação e Cultura em Direitos Humanos do MDHC, Letícia Cesarino. As três mulheres reforçaram a importância do cinema como meio para dar visibilidade aos grupos em situação de vulnerabilidade e marcaram importante presença nesse painel de abertura.

A noite teve também a divulgação do edital do Prêmio Luiz Gama de Direitos Humanos e o lançamento de um selo comemorativo dos Correios em homenagem ao escritor, jornalista e jurista defensor dos escravizados. Apresentado pela superintendente dos Correios no Rio de Janeiro, Clarissa Mazzon, o selo foi inspirado no poema Coleirinho, de Gama, retratado pelo artista Antônio Obá.



Selo comemorativo Luiz Gama é lançado pela superintendente dos Correios Clarissa Mazzon, obliterado pelo Ministro Silvio Almeida e o Reitor da UFF, Antônio Cláudio da Nóbrega.



O ministro Silvio Almeida entrega a placa ao homenageado desta edição da Mostra, o cineasta Silvio Tendler. Acompanham a Secretária do Audiovisual Joelma Gonzaga, e a cuidadora de Tendler.

A decorative graphic consisting of several horizontal, wavy grey lines. Various colorful geometric shapes are scattered across the lines, including circles, squares, and semi-circles in shades of blue, green, yellow, red, and grey. The text "os filmes da mostra" is centered in the middle of the graphic.

os filmes da mostra

O PODER DO SONHO, A FORÇA DAS IMAGENS

LÚCIA MONTEIRO¹

O que pode o cinema na defesa dos Direitos Humanos? Ao longo da história, o cinema ajudou a dar visibilidade a lutas anticoloniais (por exemplo, documentando os movimentos independentistas na África), denunciar condições de trabalho inaceitáveis (em filmes realizados em parceria com o movimento operário, dentro e fora das fábricas), constituir provas em situações de violência e abuso de poder (em registros realizados muitas vezes clandestinamente, sob diferentes ditaduras). E hoje? Qual é o papel do cinema na luta pelos Direitos Humanos? A questão nos acompanhou na elaboração do programa da Mostra Cinema e Direitos Humanos nesta 13ª edição, que marca sua retomada depois de uma interrupção forçada e longa demais.

Logo de início, ficou evidente que a diversidade deveria ser prioridade. Por um lado, havia a necessidade de os filmes estarem em sintonia com o amplo campo dos Direitos Humanos. Por outro, era fundamental ter na mostra filmes realizados por cineastas diversos tanto em termos geográficos quanto de gênero. Como fazer isso? Em julho de 2023, Lucas de Oliveira Mansur Saadallah, aluno do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense, defendeu um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Deficiências no cinema: um estudo teórico (e aplicado) sobre a teoria crip*. Lucas estudou personagens com deficiência em uma série de filmes, indagando-se sobre como poderiam ser vistos por espectadores com deficiência. “Pensar no espectador deficiente nos leva a questionar, além do consumir cinema, todo o processo do fazer cinema. Afinal, quem é representado?”, escreve ele. Seu trabalho corrobora a defesa de narrativas audiovisuais realizadas por representantes de grupos sociais marginalizados.

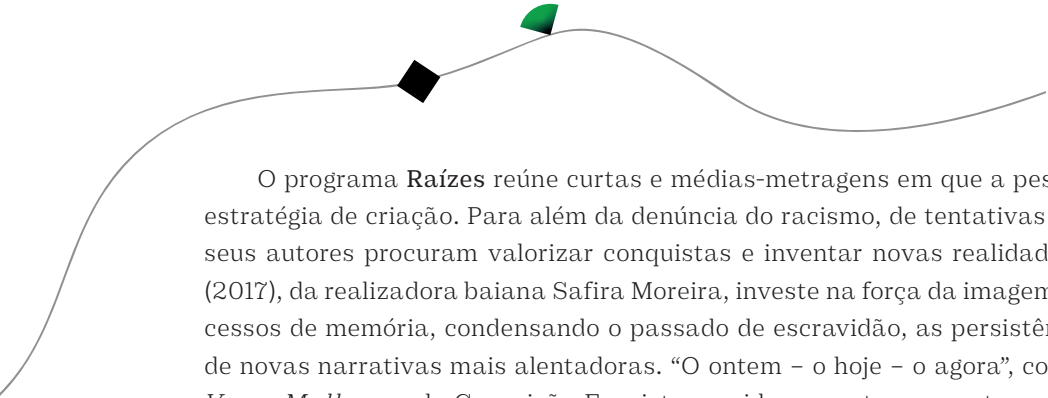
1. Chefe do Departamento de Cinema e Vídeo da UFF, onde é professora na graduação e na pós-graduação. Atua também como crítica e curadora, tendo idealizado as mostras *África(s). Cinema e Revolução* (Caixa Belas Artes, 2016) e *África(s). Cinema e memória em construção* (Caixa Cultural, 2018), entre outras. Suas pesquisas envolvem cinemas não hegemônicos, estudos de roteiro e análise estética. É conselheira da ONG Repórter Brasil, que desde 2001 atua em favor dos direitos trabalhistas e no combate ao trabalho escravo.

A curadoria selecionou filmes realizados em sua maioria por pessoas que mantêm ligação direta com os assuntos abordados, ligados a militâncias pelo direito ao território, o combate ao racismo, a inclusão de pessoas com deficiência, a liberdade sexual e de gênero, a afirmação da identidade e da ancestralidade etc. Reunidos em torno do tema “Vencer o ódio, semear horizontes”, os dezessete filmes presentes na seleção oferecem dezessete caminhos para pensar a relação entre Cinema e Direitos Humanos no Brasil atual. São respostas muito diversas – a diversidade é em si uma resposta, como afirmamos de saída –, mas que apontam para um desejo comum de sonhar o futuro a partir de memórias primordiais.

Nos filmes aqui reunidos, cineastas das cinco regiões do Brasil colocam o cinema – e mais especificamente *o fazer cinema* – como elemento fundamental na conquista da possibilidade de sonhar. Os trabalhos de Hanna Limulja e Davi Kopenawa sobre a importância do sonho para os Yanomami constituem, nesse sentido, uma inspiração para a curadoria. Para os Yanomami, “o sonho é concebido como uma forma de conhecimento, e a pessoa que tem uma atividade onírica intensa é considerada sábia”, aponta Limulja em *O desejo dos outros. Uma etnografia dos sonhos yanomami* (2022, p. 100). Pode-se, é claro, sonhar com o passado ou com o futuro, mas, enquanto se sonha, o sonho é presente – como no cinema, uma arte do presente, que nos coloca sempre diante de algo *que está acontecendo agora*. E “o sonho yanomami é [...] onde todas as imagens se encontram” (Limulja, 2022, p. 102-103). Os **cinco programas** da mostra foram elaborados com inspiração na *Árvore dos Sonhos*, criada por *Omama*, o demiurgo dos Yanomami, para que os humanos pudessem sonhar assim que suas flores desabrochassem.

O primeiro deles, **Sessão Abertura**, apresenta *Nas asas da Pan Am*, longa realizado em 2020 por Silvio Tendler, o grande homenageado desta edição, definido pelo diplomata Arnaldo Carrilho, seu amigo, como “o cineasta dos vencidos, o cineasta dos sonhos interrompidos”. Nascido em 1950 no Rio de Janeiro, Tendler aproximou-se do cinema pelo desejo de contar a história de João Cândido Felisberto (1880-1969), o “Almirante Negro” que liderou a Revolta da Chibata, levante de marinheiros negros contra as condições

de trabalho impostas por oficiais brancos. O documentário nunca foi concluído – as imagens da entrevista com João Cândido pereceram em meio à repressão após o golpe de 1968 –, mas Tandler não abandonou seu compromisso com um cinema engajado na luta por um mundo mais justo. Lançado no aniversário de 70 anos do cineasta, *Nas asas da Pan Am* é um filme biográfico, feito, em suas palavras, “com retalhos da minha história”. É também uma homenagem a realizadores que o precederam em cinemas engajados em todo o planeta: Chris Marker, Joris Ivens, Marceline Loridan-Ivens, René Vautier, Costa Gavras, Gillo Pontecorvo. As fotografias realizadas por Tandler desde que ganhou a primeira câmera Kapsa do pai, ainda garoto, dão prova do poder das imagens, matéria-prima para a memória. A professora Elianne Ivo escreveu um belo texto sobre Tandler e seu cinema (p. 29 deste catálogo).

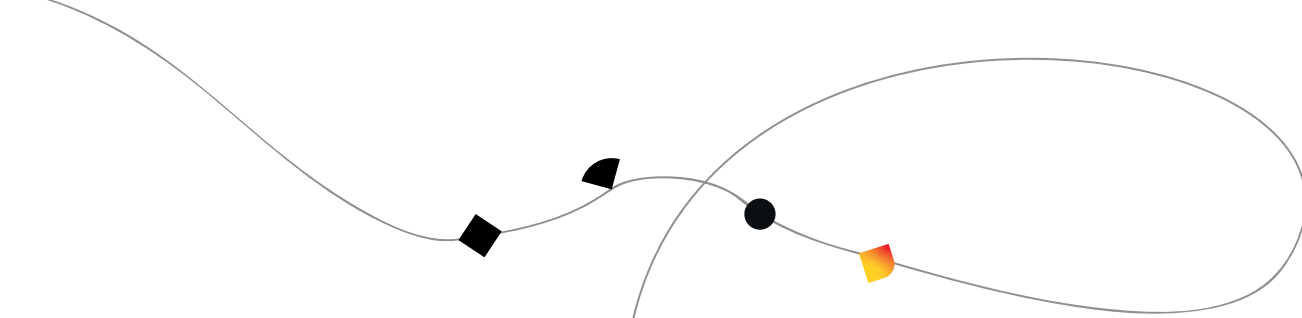


O programa **Raízes** reúne curtas e médias-metragens em que a pesquisa de memórias ancestrais é estratégia de criação. Para além da denúncia do racismo, de tentativas de extermínio e do capacitismo, seus autores procuram valorizar conquistas e inventar novas realidades com e nos filmes. *Travessia* (2017), da realizadora baiana Safira Moreira, investe na força da imagem fixa como disparadora dos processos de memória, condensando o passado de escravidão, as persistências do racismo e a construção de novas narrativas mais alentadoras. “O ontem – o hoje – o agora”, como diz um dos versos do poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo, ouvido no curta enquanto vemos, fragmentada, a imagem de uma jovem babá negra que tem no colo um bebê branco.² Em *Filha natural* (2018-2019), a niteroiense Aline Motta busca as raízes de sua família, debruçando-se sobre os documentos dos antepassados – e faz de lacunas e ausências seu motor criativo. Já em *Nossa mãe era atriz* (2023), os irmãos Renato Novais e André Novais Oliveira voltam-se para Maria José Novais Oliveira, uma mulher negra que se tornou atriz aos 60 anos, ao atuar nos filmes realizados junto aos filhos em Contagem (MG). *Mãri Hi - A árvore do sonho* (2023), de Morzaniel Tramari, oferece uma experiência onírica, conduzida pelo xamã Davi Kopenawa: o filme nos estimula a prestar mais atenção em nossos sonhos, nos quais nossos antepassados e pessoas

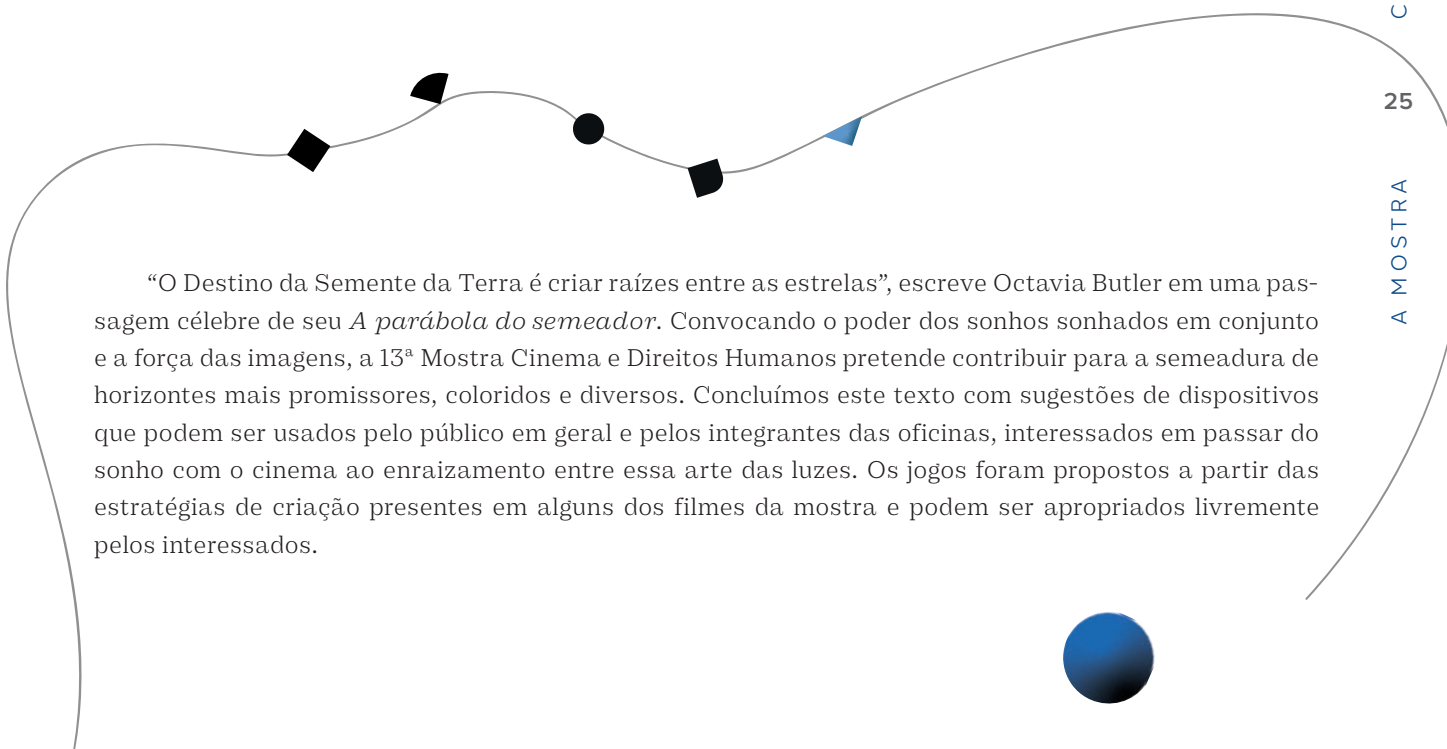
2. Izabel de Fátima Cruz Mello e eu mesma escrevemos sobre a presença do pensamento de Lélia González no cinema negro de mulheres no Brasil em “Chronicle of Our Families: Performing Amefrican Ancestralities in Black Women’s Cinema” (In. *Radical Equalities and Global Feminist Filmmaking. An Antology*. Wilmington: Vernon Press, 2022, p. 219-238). Para Lélia González, conhecida por ter cunhado a expressão “América ladina”, o mito da superioridade branca e o racismo por denegação contribuem para a fragmentação da identidade racial.

de quem nos distanciamos conseguimos fazer-se presentes. *O que pode um corpo?*, de Victor Di Marco e Márcio Picoli, propõe um exercício de memória distinto: será que já tínhamos memória quando ainda éramos feto? “Se eu pudesse me lembrar de algo, eu ia escolher ter a memória de como eu sentia o meu corpo”, diz no filme o catarinense Victor Di Marco, ele próprio uma pessoa com deficiência e ativista dos direitos das pessoas com deficiência (seu filme estava entre os estudados por Lucas Saadallah em seu TCC). O programa Raízes se conclui com *A poeira dos pequenos segredos* (2012), de Bertrand Lira, a única ficção do conjunto, em que uma conflituosa relação entre homem e mulher é ambientada no Cariri paraibano.

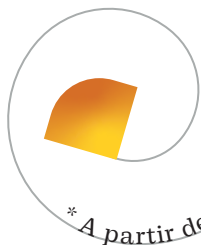
Mas o que acontece quando um sonho se transforma em ação? A alegria e o medo envolvidos no ato de plantar, de concretizar um projeto e abrir-se para o novo tempo está presente nos filmes do programa **Sementes**. Realizado pela paraense Jorane Castro, *Ribeirinhos do asfalto* (2011) narra o dia em que Deisy, uma garota da ilha do Combu que sonha em morar em Belém para continuar os estudos, atravessa o rio de canoa à procura de abrigo na casa da prima. *Adão, Eva e o Fruto Proibido* (2021), de R. B. Lima, também investe num momento de mudança, quando uma mulher trans passa a conviver com o filho adolescente, depois de anos em que não tiveram contato algum. Em *Nossos espíritos seguem chegando - Nhe'e Kuery Jogueeru Teri* (2021), de Kuaray Poty (Ariel Ortega) e Bruno Huyer, o sonho de gestar uma criança é protagonizado pela cineasta Mbya Guarani Pará Yxapy (Patrícia Ferreira). Grávida durante a pandemia de Covid-19, ela reflete sobre os sentidos da chegada de uma nova vida num momento em que a humanidade está doente. Já em *Me farei ouvir* (2022), de Bianca Novais e Flora Egécia, observamos o percurso de mulheres que conquistaram espaços na política brasileira, na luta contra sub-representação feminina nos espaços de poder. O programa **Sementes** se encerra com *Escrevivência e Resistência: Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo* (2021), de Renato Barbieri e Juliana Borges, 11º episódio da série televisiva *Libertárixs*, dedicado a duas escritoras negras fundamentais da literatura brasileira e que finalmente vêm conquistando reconhecimento.

A decorative line starts from the top left, curves down and right, passing through a black diamond, a black semi-circle, a black circle, and a yellow-to-red gradient square. It then loops back to the left.

A Mostra Cinema e Direitos Humanos conta ainda com duas sessões para o público infanto-juvenil, chamadas de **Frutos**. Para fazer um filme, quase sempre é necessário um envolvimento coletivo, a participação de uma equipe que envolve elenco, direção, produção, montagem... Nesse sentido, cada filme que encontra seu público constitui a realização de um sonho – e abre espaço para semeadura de novos sonhos. Trabalhar para realizar um projeto coletivo é o que move *Um filme de verão* (2019), de Jô Serfaty, filmado em Rio das Pedras, na zona Oeste do Rio, junto a quatro jovens que tentam colocar de pé seus maiores sonhos nos meses mais quentes do ano. Realizado pelas crianças da Escola Municipal José Albino Pimentel e destinado às crianças do futuro, *Tesouro quilombola* (2021) é um dos frutos do projeto de educação audiovisual desenvolvido para o letramento dos estudantes do Quilombo Guguri-Ipiranga, na Paraíba. Em *Mutirão*, o filme (2022), de Lincoln Péricles, uma criança apresenta a construção coletiva da sua quebrada e, em *Cósmica* (2022), de Ana Bárbara Ramos, as crianças se engajam na luta contra a crise climática. A sessão termina com *O Pato* (2022), de Antonio Galdino, em que uma filha participa no combate à violência dentro da própria casa.

A decorative line starts from the top right, curves down and left, passing through a black diamond, a black semi-circle, a black circle, a black square, and a blue triangle. It then loops back to the right. A blue sphere is located at the bottom right of the page.

“O Destino da Semente da Terra é criar raízes entre as estrelas”, escreve Octavia Butler em uma passagem célebre de seu *A parábola do semeador*. Convocando o poder dos sonhos sonhados em conjunto e a força das imagens, a 13ª Mostra Cinema e Direitos Humanos pretende contribuir para a semeadura de horizontes mais promissores, coloridos e diversos. Concluimos este texto com sugestões de dispositivos que podem ser usados pelo público em geral e pelos integrantes das oficinas, interessados em passar do sonho com o cinema ao enraizamento entre essa arte das luzes. Os jogos foram propostos a partir das estratégias de criação presentes em alguns dos filmes da mostra e podem ser apropriados livremente pelos interessados.



* A partir de *Travessia*.

1. Busque um retrato antigo de alguém desconhecido, em um álbum de família ou num acervo on-line.

2. Fragmenta a imagem, de maneira a identificar detalhes imperceptíveis à primeira vista.

3. Associe cada parte da fotografia a um poema de sua escolha. (*Travessia*)

Curadoria

26

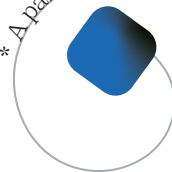
A MOSTRA

1. Tente se lembrar de sua memória mais antiga.

2. Procure descrevê-la em um texto curto.

3. Filme algo que tenha as mesmas cores dessa memória enquanto lê em voz alta o texto que escreveu.

* A partir de *O que pode um corpo?*



* A partir de *Nossa mãe era atriz*

1. Filme sua mãe (ou outro familiar) fazendo uma ação corriqueira.

2. Escreva três frases para ela falar.

3. Filme-a novamente desenvolvendo a ação enquanto ela fala o que você escreveu.

No final, pergunte a ela se ela gostaria de ser atriz e grave a resposta.

* A partir de *Mãri Hi*

1. Tente se lembrar em detalhes de um sonho recente.

2. Descreva-o em voz alta e grave.

3. Filme, de preferência em plano fixo, um ser vivo não humano.

1. Procure o documento mais antigo de sua família.

2. Filme ou fotografe trechos dele.

3. Em caso de ausência de documentos, grave a pessoa mais antiga de sua família contando as informações oralmente.

* A partir de *Filha natural*



SILVIO TENDLER

H O M E N A G E M

SILVIO TENDLER

UMA JORNADA CINEMATOGRAFICA ENTRE HISTÓRIA, POLÍTICA E MEMÓRIA

ELIANNE IVO BARROSO¹

Em 2020, Silvio Tandler realiza o ensaio autobiográfico *Nas asas da Pan Am* (2020), cujo título faz menção a um cartaz de uma antiga agência de viagens: “Vá à União Soviética pela Pan Am”. O projeto comemora seus 70 anos e dá pistas para a compreensão de sua obra. Segundo o próprio cineasta, da publicidade que nomeia o filme, sobraram ele e a igreja que ilustrava a propaganda. De resto, nada mais existe. O cinema cumpre então esse papel de reinventar mundos e de dar forma às memórias, tendo, no caso de Tandler, a história como pano de fundo.

O filme vai dos anos 1950 até os 2020. Ele lança mão de material de arquivo, entrevistas e narração – elementos que são a marca de Tandler. Em *Nas asas da Pan Am* chama atenção o texto escrito em primeira pessoa pelo próprio autor, nascido no Rio de Janeiro em 1950. Fala da sua infância na capital carioca, da origem judaica e da sua paixão pela fotografia. Ele conta seus sonhos, dissabores, perdas e esperanças de forma espirituosa. O ensaio trata da trajetória do autor que se confunde com os acontecimentos históricos. O choque com o golpe militar no Brasil, o autoexílio no Chile de Salvador Allende depois a França pós-1968. Ele se identifica com os diretores da Nouvelle Vague, frequenta as aulas de Jean Rouch na Cinemateca Francesa. Discorre também sobre sua primeira obra, em que entrevistava João Cândido, líder da Revolta da Chibata, mas que acabou queimada. Relata também a bem-sucedida carreira com os documentários políticos e históricos no Brasil a partir dos anos 1980.

1 Professora Associada do Departamento de Cinema e Vídeo da UFF. Atua no PPGCine-UFF e PPGMC-UFRJ. Acompanha o trabalho de Silvio Tandler desde 1985 quando colaborou com o projeto *Olga Benário*, que não se concretizou. Depois participou das seguintes produções: *Antonietta* (1997), *Castro Alves, retrato falado do poeta* (1998), *Tzedaka* (2003), *Paulo Carneiro, espelho e memória* (2003) e *Tancredo, a travessia* (2011). Em 2005, coordenou a organização do acervo Caliban.

Realizado dez anos antes, *Utopia e barbárie* (2009) tem forte parentesco com *Nas asas da Pan Am*, já que aborda os sonhos interrompidos de uma geração com o fim da utopia socialista e inicia o debate sobre a ascensão do neoliberalismo do final do século XX. No ensaio autobiográfico, ele assume abertamente o ponto de vista intimista e pessoal sobre aqueles anos, na experiência de 2009, ele prefere dar voz a personagens ilustres como Ferreira Gullar, Dilma Rousseff, Susan Sontag, Eduardo Galeano e general Giap do exército vietnamita. Os dois longas demonstram o interesse de Tandler em transitar entre memória e história, usando o cinema como motor de reflexão sobre a condição humana e seus direitos políticos, econômicos e culturais. É o que resume a obra do diretor que contabiliza atualmente mais de 100 realizações.

O cinema surge na vida de Tandler através de festivais e cineclubes cariocas no idos 1960. Torna-se espectador assíduo da Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) onde assiste a todo o acervo de clássicos, usufruindo do ambiente intelectual e artístico do Museu que era de resistência ao golpe militar. Ao mesmo tempo, ele inicia seus estudos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que também era considerado um outro celeiro de luta política. Mas ele resolve abandonar tudo e, em 1970, parte para o Chile e, em seguida, para a França. Em Paris, se forma em História pela Paris VII (Jussieu) e pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. É aluno de Marc Ferro, grande especialista em História e Cinema. Em sua estadia europeia, entra em contato com documentaristas que se tornam referência, como Joris Ivens, com quem teve uma relação fraternal e aprende que o cinema, assim como a memória, não pode dispensar a emoção. Trabalha em *La Spirale* (1975) com Chris Marker, responsável por Tandler nunca mais deixar de trabalhar com documentários políticos. Outro nome importante é Santiago Álvarez cuja filmografia é vista na capital francesa e que, anos depois, conhece em Havana e chega a entrevistá-lo, fazendo o filme *Santiago das Américas ou olho do terceiro mundo* (2019). A forma inventiva como Álvarez montava material de arquivo é determinante para Tandler jamais abandonar o gosto pelos documentos e registros pré-gravados transformando-os em matéria-prima de seus filmes.

Em 1976, ele retorna ao Brasil e consegue o apoio de produtores para realizar *Os anos JK – Uma trajetória política*. O produtor Hélio Ferraz aceita bancar o seu primeiro longa documentário desde que seja rentável. O retrato de Juscelino Kubitschek caiu como uma luva, já que resgatava um personagem popular aos olhos dos mais velhos e propunha aos jovens uma releitura necessária e complexa no momento de redemocratização do país. A juventude da época não esquece o impacto do documentário que dá vida a um outro cenário político e econômico. Aos olhos de hoje, diante da conscientização da preservação audiovisual, da organização de acervos e das facilidades de digitalização, fica difícil dimensionar a empreitada



que foi garimpar aquelas imagens e sons. Não à toa *Os anos JK* leva quatro anos para ser realizado por conta do trabalho de captação de entrevistas, pesquisa, recuperação e montagem do material de arquivo espalhado por vários cantos do mundo. Diante do sucesso de público de *Os Anos JK*, com mais de 800 mil pagantes e as horas extras dos registros históricos obtidos na pesquisa, Tandler partiu para outro longa-metragem biográfico intitulado *Jango - Quando, como e por que se derruba um presidente* (1984). Na mesma linha que o filme anterior, prossegue repensando a história do Brasil substituindo a objetividade pela emoção, trazendo uma montagem mais ousada, usando trilha musical original composta por Milton Nascimento e Wagner Tiso. Se hoje o documentário brasileiro ocupa lugar de destaque na produção audiovisual, ele é tributário, entre outros, das realizações de Tandler junto com Eduardo Coutinho que dirigiu *Cabra Marcado para Morrer*, lançado no mesmo ano que *Jango*. Abre-se um caminho sem volta para o gênero documentário no Brasil, demonstrando o potencial reflexivo do gênero e a sua capacidade de levar público ao cinema.



Nos anos seguintes, Silvío Tandler se torna professor da PUC-Rio, recebe inúmeros prêmios e produz várias obras em película e em vídeo, de formatos variados. Na sua filmografia, há uma linha de produções que opta claramente pelo viés biográfico com destaque para *Milton Santos, pensador do Brasil* (2001), *Marighella, retrato falado do guerrilheiro* (2001), *Glauber, o filme - Labirinto do Brasil* (2003) e *Tancredo, a travessia* (2011). O diretor está em vias de lançar *Brizola, notas para uma história* (2024).

Uma outra tendência da obra de Tandler são os filmes de caráter mais históricos como *Chega de saudades* (1987), *Giap - memórias centenárias de resistência* (2011), *Militares da democracia: Os militares que disseram não* e *Os advogados contra a ditadura: Por uma questão de justiça* (2014).

A partir de 1992, inicia sua colaboração na TV com a série *Anos Rebeldes* para a Globo, codirigindo com Denis Carvalho e Ivan Zettel. Realiza, em 1997, *Antonietta*, sobre uma professora de dança de salão para a TV franco-alemã Arte. Em 2012, assina a série *Caçadores da alma*, sobre fotografia e, em 2015, *Há muitas noites na noite*, que são sete episódios sobre Ferreira Gullar para o canal Curta.

Na lista de filmes dirigidos por Tendler, há alguns voltados para a identidade judaica de uma perspectiva progressista. O trabalho mais emblemático talvez seja *Alma imoral* (2019) que vai explorar personagens judeus transgressores que lutam por uma sociedade mais igualitária. Nesse sentido, nos recentes confrontos no Oriente Médio, o diretor protesta nas redes sociais pedindo o fim da guerra, se posicionando contra o presidente israelense Netanyahu e pela criação de um estado palestino.

De olho na popularização das redes sociais, ele lança *O veneno está na mesa* (2011) sobre o uso de agrotóxico no Brasil e obtém milhares de visualizações na internet. O agronegócio é um dos braços do crescente neoliberalismo que Tendler começa a debater. Em 2017, realiza *Dedo na ferida* que aborda a ação tentacular do capital financeiro levando à perda de direitos sociais, ao desemprego e ao crescimento da extrema-direita. Em 2022, lança *Saúde cura* e que aborda o Sistema Único de Saúde (SUS), que atende mais de 190 milhões de brasileiros gratuitamente e, graças ao seu eficiente projeto de saúde pública, poupou vidas evitando um mal maior durante a desastrosa gestão bolsonarista da Covid-19.

Diante da trajetória apresentada, a escolha do cineasta como homenageado na 13ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos é mais do que justificada.

BIBLIOGRAFIA

IVO BARROSO, E. (2020). "Memorabilia de Silvio Tendler". *ALCEU*, v. 20, n. 41, p. 4-16, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v20.ed41.2020.78>.

MORETTIN, E., & KORNIS, M. A. (2018). "Entrevista com Silvio Tendler". *ArtCultura*, v. 20, n. 36, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ArtC-V20n36-2018-1-08>.

ONDE ACONTECE

A 13ª **Mostra Cinema e Direitos Humanos** está em todas as capitais, em universidades e institutos federais de ensino, e em salas de cinemas parceiros, mas também em diversos outros pontos espalhados por todo o país!

DATAS

MOSTRA NAS CAPITALS –

11 a 22 de março de 2024

MOSTRA NOS DEMAIS PONTOS DE EXIBIÇÃO –

25 de março a 24 de abril de 2024

MOSTRA ONLINE –

25 de março a 24 de abril de 2024

OFICINAS* acompanham as datas nas respectivas capitais

Para saber onde a Mostra está acontecendo na sua cidade, consulte nosso site mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br ou acesse com seu celular através do QR-Code ao lado.

*As cidades de Niterói (RJ), Palmas (TO), Porto Alegre (RS), Porto Velho (RO), São Cristóvão (SE) receberam as oficinas em dezembro de 2023.



PROGRAMAS

HOMENAGEADO

ABERTURA

HOMENAGEM

CURADORIA

RAÍZES

SEMENTES

FRUTOS 1

FRUTOS 2



PROGRAMA ABERTURA

NAS ASAS DA PANAM Brasil, 2020, 115 min

direção e produção Silvio Tendler produção executiva Ana Rosa Tendler produção Maycon Almeida

elenco Adolpho Tendler, Américo Vermelho, Amir Haddad, Daniel Viglietti, Esther Kreimer Grunfeld, Henry Engler, José Celso Martinez Corrêa, Luiz Carlos Maciel, Mauricio Rosencof, Patricio Guzmán, Renato Borghi, Sarah Tendler e Vladimir Carvalho narração Eduardo Tornaghi e Bel Kutner.

SINOPSE A partir de materiais produzidos em diversos momentos da sua trajetória, Silvio Tendler constrói um autorretrato, fiel à sua identidade como cineasta, no filme que marca seus 70 anos de vida. Em uma costura de sua própria história feita com retalhos, o diretor traz reflexões sobre o conceito de memória, a marca do acaso em sua trajetória, as perdas ao longo do caminho e os sonhos que o movem.



PROGRAMA HOMENAGEM

A BOLSA OU A VIDA Brasil, 2021, 102 min

direção e produção **Silvio Tendler** produção executiva **Ana Rosa Tendler** produção **Maycon Almeida**

elenco **Ailton Krenak, Celso Amorim, Ken Loach, Ladislau Dowbor, Nabil Bonduki, Padre Júlio Lancellotti, Rita von Hunty, Yánis Varoufákis e Eduardo Tornaghi.**

direção de fotografia **Tao Burity e Taynara Mello**

prêmios **38º Prêmio de Direitos Humanos de Jornalismo**

SINOPSE No futuro pós-pandemia da Covid-19, a centralidade será o cassino financeiro e a acumulação de riqueza por uma elite ou uma vida de qualidade para todos, com menos desigualdade? O Estado mínimo se mostrou capaz de atender ao coletivo? Como garantir a vida sem direitos sociais e trabalhistas? Em qual modelo de sociedade queremos viver? O filme aborda o desmonte do conceito de bem-estar social e nos faz refletir sobre a incompatibilidade do neoliberalismo com um projeto humanista de sociedade.

PROGRAMA RAÍZES





TRAVESSIA

Brasil, 2017, 5 min

direção e produção Safira Moreira
direção de fotografia Caíque Mello

Prêmio de melhor curta-metragem no Cachoeradoc. Na 9ª Semana, o filme recebeu o Grande Prêmio do Júri, Prêmio de Melhor Curta-Metragem do Júri de estudantes de audiovisual e Prêmio especial do Júri da Crítica.

SINOPSE A partir de uma fotografia retirada de um álbum antigo de uma família branca, o filme lança um olhar sobre a presença da imagem de uma mulher negra. Pessoas negras refletem sobre a representação de seus antepassados, recriando histórias e registros, numa tentativa de sobrepor toda ausência e estigmatização sofrida por seus iguais no passado. Um resgate poético da representação negra brasileira.

SOBRE A DIRETORA Safira Moreira nasceu em 1991 no bairro do Engenho Velho da Federação, em Salvador. Formou-se em cinema na Escola de Cinema Darcy Ribeiro (RJ) e em Artes Visuais no Parque Lage (RJ). Dirigiu a série *Música Conecta* para a Devassa, documentando a última gravação da cantora Gal Costa em estúdio. É roteirista das séries *Sobrepostas* e *Resíduos* e do documentário *Mães do Brasil*.



FILHA NATURAL

Brasil, 2018-19, 16 min

direção Aline Motta

elenco Claudia Mamede

direção de fotografia Aline Motta

SINOPSE Em uma análise inédita da iconografia histórica e relatos orais de sua própria família, a artista visual Aline Motta traz à tona hipóteses sobre as possíveis origens de sua tataravó. Há indícios que ela tenha nascido por volta de 1855 em uma fazenda de café em Vassouras, zona rural do Rio de Janeiro, considerado o epicentro do escravismo brasileiro no século XIX.

SOBRE A DIRETORA Aline Motta nasceu em Niterói (RJ), em 1974, e mora em São Paulo. Combina diferentes técnicas e práticas artísticas em seu trabalho, como fotografia, vídeo, instalação, performance e colagem. De modo crítico, suas obras reconfiguram memórias, em especial as afro-atlânticas, e constroem novas narrativas que evocam uma ideia não linear do tempo.



NOSSA MÃE ERA ATRIZ Brasil, 2022, 26 min

direção André Novais Oliveira e Renato Novaes

produção André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins e Thiago Macêdo Correia

elenco Maria José Novais Oliveira

SINOPSE Maria José Novais Oliveira, uma senhora negra, moradora da periferia de Contagem (MG), se torna atriz de cinema já nos seus 60 anos, com uma carreira premiada no Brasil e internacionalmente. Este documentário rememora a imagem de uma mulher ímpar, que marcou o cinema brasileiro dos anos 2010.

SOBRE OS DIRETORES André Novais Oliveira - Nascido em Belo Horizonte e morador da cidade de Contagem-MG. Diretor e roteirista, foi homenageado na 27ª edição do Festival de Tiradentes, em janeiro de 2024. Junto com Gabriel Martins, Maurílio Martins e Thiago Macêdo Correia, é sócio da produtora mineira Filmes de Plástico, desde 2009. Renato Novaes - Nascido em São Paulo e criado em Contagem-MG. É ator, diretor de cinema e professor de Geografia. Em 2023 teve sua estreia como diretor no curta/documentário Nossa Mãe Era Atriz, dividindo a direção com André de Novais Oliveira, seu irmão.



MÃRI HI - A ÁRVORE DO SONHO

Brasil, 2023, 18 min

direção Morzaniel †ramar

produção Eryk Rocha e

Gabriela Carneiro da Cunha

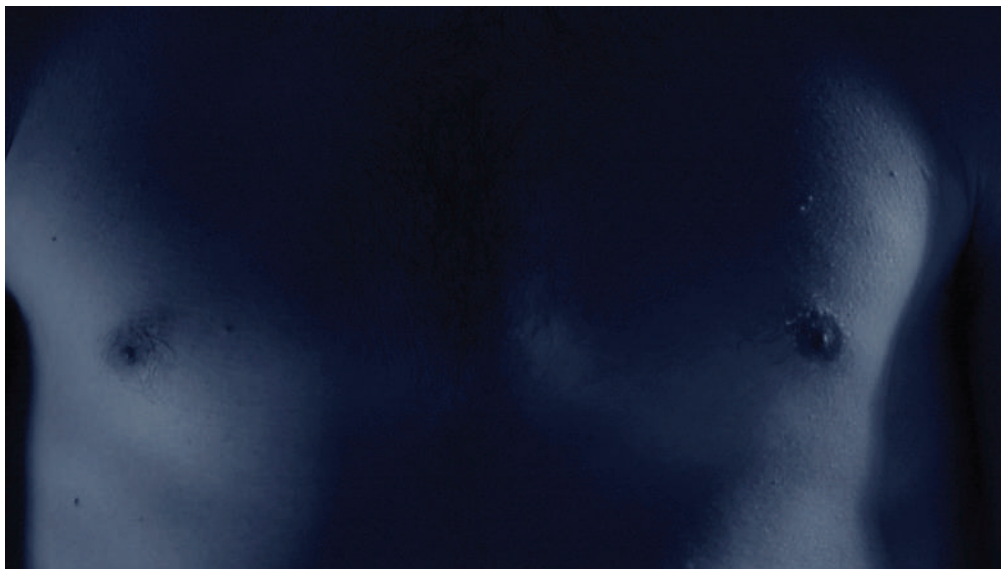
elenco Davi Kopenawa Yanomami

direção de fotografia Morzaniel †ramar

Prêmio de Melhor Curta-Metragem
no 28º Festival Internacional de
Documentários, 2023, São Paulo - SP.

SINOPSE Quando as flores da árvore Mãri desabrocham, surgem os sonhos. As palavras de um grande xamã conduzem uma experiência onírica através da sinergia entre cinema e sonho yanomami, apresentando poéticas e ensinamentos dos povos da floresta.

SOBRE O DIRETOR Morzaniel †ramari é um cineasta yanomami, nascido em 1980 na aldeia Watorik†, região do Demini da TI Yanomami, no estado do Amazonas, Brasil. Trabalhou como Coordenador de Comunicação na Hutukara Associação Yanomami (Boa Vista) e foi formado em 2010 no projeto Pontos de Cultura Indígena - Vídeo nas Aldeias. Trabalha como intérprete, tradutor, cineasta e documentarista.



O QUE PODE UM CORPO?

Brasil, 2020, 14 min

direção Victor di Marco e Márcio Picoli

produção Laura Moglia, Márcio Picoli,

Aline Gutierrez e Victor Di Marco

depoimento e performance

Victor di Marco

Prêmio do Júri no 48º Festival de Gramado; Melhor Filme - Prêmio Público no 27º Festival de Cinema de Vitória; Melhor Direção no 3º Festival Santa Cruz de Cinema; Melhor Filme no 9º Curta Brasília.

SINOPSE Um bebê nasce, mas não chora. Um corpo grita e não é ouvido. As tintas que escorrem em um futuro prometido não chegam em uma pessoa com deficiência. Victor di Marco faz de si a própria tela em um universo de pintores ausentes.

SOBRE OS DIRETORES Márcio Picoli é diretor, roteirista e produtor executivo. Seu primeiro curta, junto com Victor Di Marco, *O que Pode um Corpo?* (2020) estreou no 31º Curta Kinoforum. Atualmente, trabalha no desenvolvimento de seu primeiro longa-metragem, *Nós a Sós*. Victor Di Marco é ator, diretor e roteirista. Seu trabalho de estreia, o curta *O que Pode um Corpo?* (2020) passou pelos principais festivais de cinema do Brasil. Atualmente trabalha no seu primeiro longa-metragem, *Nós a Sós*.



A POEIRA DOS PEQUENOS SEGREDOS Brasil, 2012, 20 min

direção Bertrand Lira

produção Heleno Bernardo

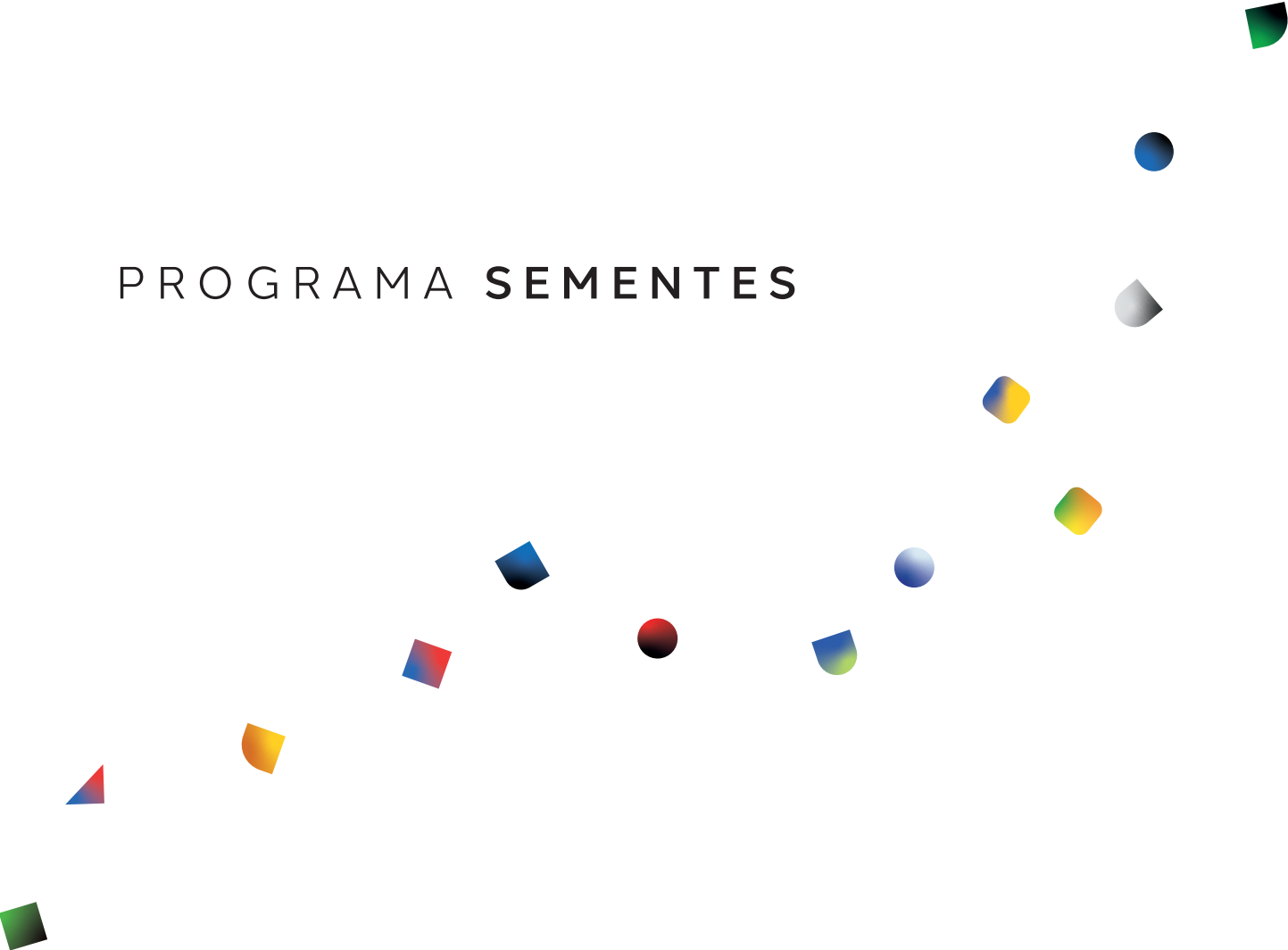
elenco Verônica Sousa e Nanego Lira

direção de fotografia João Beltrão

SINOPSE Drama existencial de um casal do Cariri paraibano hipnotizado pelo mistério do mundo. O marido gasta o tempo viajando, no intento de desvendar esse mistério, ou ao menos de compreendê-lo. A mulher, sem entender o que se passa, conformada ou não, fica em casa à espera de seu retorno.

SOBRE O DIRETOR Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o cineasta dirigiu diversos documentários de curta, média e longa-metragem premiados em festivais no Brasil e no exterior, entre eles o JVC Grand Prize do 26º Tokyo Vídeo Festival de 2004. *A poeira dos pequenos segredos* é sua primeira ficção.

PROGRAMA SEMENTES





RIBEIRINHOS DO ASFALTO Brasil, 2011, 26 min

direção Jorane Castro

produção Luis Laguna e

Danielle Santos

elenco Dira Paes, Ana Letícia Cardoso
e Adriano Barroso

direção de fotografia Pablo Baião

Prêmios de Melhor Produção Amazônica no Curtamazônia, Melhor Filme pelo Júri Popular na Mostra Amazônica do Filme Etnográfico; Melhor Direção no Festival de Cinema de Maringá.

SINOPSE Deisy mora na Ilha do Combu, do outro lado do rio, na frente de Belém. Ela gostaria de morar na cidade cheia de luzes que ela vê de noite na sua casa, no meio da mata. Com a ajuda de sua mãe, ela vai tentar realizar este sonho.

SOBRE A DIRETORA Jorane Castro, roteirista e diretora, nasceu em Belém (Amazônia, Brasil). Dirigiu mais de vinte filmes, entre documentários e ficções. *Seu Para Ter Onde Ir* (2015) é o primeiro longa-metragem de ficção realizado por uma mulher na história do cinema paraense. Prepara atualmente sua próxima ficção, *Laura*.



ADÃO, EVA E O FRUTO PROIBIDO

Brasil, 2021, 20 min

direção R. B. Lima

produção Taís Pascoal

elenco Danny Barbosa, Lay Gonçalves,
Manoá Vitorino, Margarida Santos,
William Cabral

direção de fotografia Carine Fiúza

SINOPSE O curta-metragem retrata o encontro entre uma mulher transexual e seu filho adolescente, separados após o nascimento. Nesse novo cotidiano, ela enfrenta seus medos, ao mesmo tempo que tenta entender o filho e o papel de ser mãe. Também não é fácil para o jovem, que busca em uma pessoa desconhecida o sentido de sua própria existência. Assim, breves momentos contribuem para o amadurecimento dos dois, traçando um caminho de descobertas e quebras de preconceitos.

SOBRE O DIRETOR R.B. Lima é graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cujo trabalho de conclusão de curso foi o filme-ensaio *Beso Rosado*. Desde o início do curso, demonstrou interesse pelas áreas de direção e, principalmente, escrita de roteiro.



NOSSOS ESPÍRITOS SEGUEM CHEGANDO

Brasil, 2021, 15 min

direção Kuaray Poty (Ariel Ortega)
e Bruno Huyer

produção Maria Paula Prates,
Christine McCourt

elenco Pará Yxapy, Kerechu Miri (Elza
Ortega), Pará Rete (Elsa Chamorro)

direção de fotografia Kuaray Poty
(Ariel Ortega)

Prêmio Pierre Verger

SINOPSE Na Tekoa Koë'ju, Pará Yxapy, indígena Mbya Guarani, dedica os primeiros cuidados a seu filho ainda no ventre, e reflete, com seus parentes, sobre os sentidos de sua gravidez em meio a pandemia de Covid-19 no Brasil.

SOBRE OS DIRETORES Ariel Kuaray Poty Ortega: Artesão, cineasta e pensador Mbya-guarani, dedica-se ao cinema desde 2007. Atualmente mora na Tekoa Koë'ju, em São Miguel das Missões (RS), Brasil, onde desenvolve trabalho de recuperação de áreas florestais degradadas e integra os Coletivos Mbya-guarani de Cinema (Brasil) e Ará Pyau de Cine (Argentina). Bruno Huyer: Mestre em Antropologia Social (UFSC), desenvolve diversos trabalhos com os povos mbya-guarani do sul do Brasil e norte da Argentina desde o ano de 2008. A partir de 2016 passou a colaborar com o projeto Vídeo nas Aldeias, participando de produções audiovisuais colaborativas com diferentes povos indígenas no Brasil.



ME FAREI OUVIR

Brasil, 2022, 30 min

direção Bianca Novais e Flora Egécia

produção Vanessa Medrado

direção de fotografia Barbara Rodarte
e Heloisa Abreu

Prêmio Melhor Filme por Júri Popular
na Mostra Competitiva do 7º CineBaru
– Mostra Sagarana de Cinema.

SINOPSE Uma investigação acerca da sub-representação feminina na política brasileira a partir do cruzamento entre narrativas e percursos de mulheres com inspiração política, que conquistaram espaços ecoando suas vozes.

SOBRE AS DIRETORAS Bianca Novais coproduziu e dirigiu a arte do curta-metragem *Das Raízes às Pontas* (2015) e codirigiu a arte do curta *O Menino Leão e A Menina Coruja* (2016). É codiretora e codiretora de arte do documentário *Me Farei Ouvir*. Flora Egécia dirigiu os documentários *inESPAÇO* (2013) e *Das Raízes às Pontas* (2015) e fez a codireção de *Me Farei Ouvir* (2022). Como diretora de arte co-assinou a ficção *O Menino Leão e a Menina Coruja* (2017) e *Me Farei Ouvir* (2022).



ESCREVIVÊNCIA E RESISTÊNCIA: MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Brasil, 2021, 26 min

52

direção Renato Barbieri e
Juliana Borges

produção Renato Barbieri e
Natália Brandino

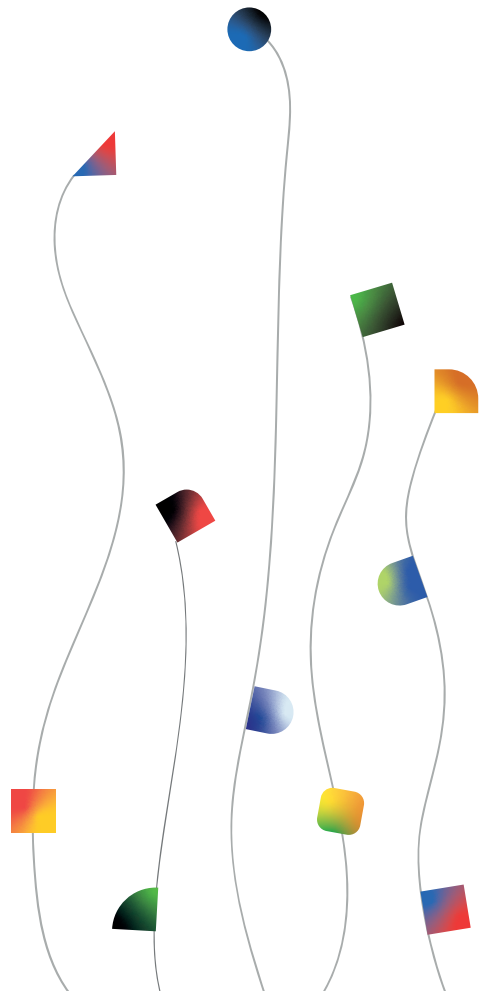
elenco Noemia Oliveira, Orlando
Caldeira e Conceição Evaristo

direção de fotografia Renato Stockler

SINOPSE O 11º episódio da série televisiva Libertárixs, dedicada a personagens negros pouco conhecidos da história do Brasil, apresenta duas das escritoras fundamentais da literatura brasileira: Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo; mulheres negras revolucionárias pelo ato de escrever e pela potência de suas obras.

SOBRE O DIRETOR Renato Barbieri é diretor, produtor e roteirista. Atualmente é sócio fundador e diretor de criação da GAYA Filmes, sediada em Brasília. Realizou mais de sessenta produtos de conteúdo audiovisual de relevância social, ambiental e cultural. Juliana Borges é documentarista e roteirista. Moradora de Ilhabela, no Litoral Norte de São Paulo, é uma das organizadoras do Citronela Doc - Festival de Documentários de Ilhabela.

PROGRAMA FRUTOS





UM FILME DE VERÃO

Brasil, 2019, 95 min

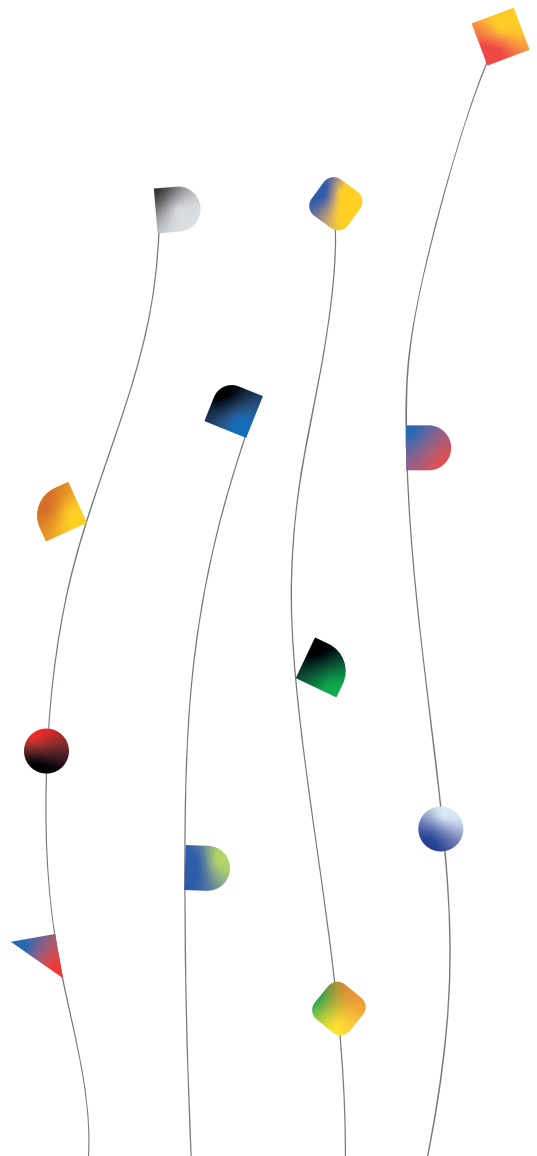
direção Jo Serfaty produção Julia Motta direção de fotografia Pedro Pipano

elenco Caio Neves, Ronaldo Lessa, Karollyane Rabech, Junior Souza, Barbara Marques

SINOPSE Durante o verão, Karol, Junior, Ronaldo e Caio estão no último mês das aulas em uma escola pública, no Rio de Janeiro. Quando as férias chegam, a temperatura alcança 40 graus. Imersos nos fios emaranhados que cobrem o céu da favela e os súbitos apagões, os quatro jovens enfrentam as incertezas da vida adulta e se reinventam diante da crise da cidade. *Um filme de verão* apresenta um mosaico híbrido desta juventude que encontra espaço através do cinema.

SOBRE A DIRETORA Jo Serfaty é mestre em cinema pela UFF e tem pós-graduação em roteiro pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Há dois anos é a única brasileira a integrar a comissão de seleção de fundos de documentário de Sundance; também é tutora do DOC SP. Atualmente, desenvolve o roteiro de seu próximo longa de ficção, *Borda do Mundo*.

PROGRAMA FRUTOS 2





TESOURO QUILOMBOLA

Brasil, 2021, 23 min

direção Ana Bárbara Ramos e
Felipe Leal Barquete

produção Ana Bárbara Ramos

direção de fotografia
Ana Bárbara Ramos

Prêmio Infantil Comitê das Crianças
de Jundiá no Festival Comkids 2023

SINOPSE As crianças do Quilombo Gurugi-Ipiranga (PB) brincam de caça ao tesouro e descobrem as verdadeiras riquezas da sua comunidade. Explorando suas raízes, elas aprendem sobre a cultura local, por meio de passeios e histórias contadas por suas principais figuras.

SOBRE OS DIRETORES Ana Bárbara Ramos é cineasta, produtora, educadora e gestora de projetos na área de cinema, audiovisual, educação e infâncias. À frente da Semente - Escola de Educação Audiovisual desde 2014, desenvolve ações sociais nas áreas de educação, cinema e audiovisual. Dirigiu 8 curtas, entre eles, *Cósmica* (2023), *Oferenda* (2011) e *Sweet Karolynne* (2009). Felipe Leal Barquete é fundador e coordenador da Semente - Escola de Educação Audiovisual desde 2014. É integrante da Rede Kino - Rede Latino-americana de Educação, Cinema e Audiovisual, membro fundador do Núcleo de Educação Transformadora da Paraíba e parceiro da CONANE - Conferência nacional de alternativas para uma outra educação.



MUTIRÃO, O FILME

Brasil, 2022, 10 min

direção Lincoln Péricles

produção Francineide Bandeira
e Lincoln Péricles

elenco Maria Eduarda Isaú,
Edna Pereira Matos

direção de fotografia Lincoln Péricles

Prêmio Melhor Filme Comunitário -
Festival Periférico.

SINOPSE Uma criança descobre os registros do movimento popular que construiu sua quebrada, o Povo em Ação. Através de seu olhar alegre, ela imagina o passado da comunidade e as vidas das pessoas que formaram o mutirão.

SOBRE O DIRETOR Lincoln Péricles, vulgo LKT, nasceu e trabalha no bairro do Capão Redondo, periferia de São Paulo. É diretor, roteirista, montador e educador, somando mais de doze anos trabalhando com filmes produzidos em sua quebrada, que circularam entre cineclubes e coletivos periféricos, banquinhas de camelô, becos e vielas, e eventualmente em festivais nacionais e internacionais.



CÓSMICA

Brasil, 2022, 7 min

direção Ana Bárbara Ramos

produção Gian Orsini e

Mariah Benaglia

elenco Iara Rocha

Prêmio de Menção honrosa 21ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis.

SINOPSE Crianças guardiãs, uni-vos! A Terra precisa de nossa ajuda para resolver um problema que não inventamos. Acho que a emergência climática não pode ficar somente nas mãos dos adultos.

SOBRE A DIRETORA Ana Bárbara Ramos é cineasta, produtora, educadora e gestora de projetos especializados na área de cinema, audiovisual, educação e infâncias. À frente da Semente - Escola de Educação Audiovisual desde 2014, desenvolve ações de impacto social nas áreas de educação, cinema e audiovisual. Como diretora, assina 8 curtas, entre eles, *Cósmica* (2023), *Oferenda* (2011) e *Sweet Karolynne* (2009).



O PATO

Brasil, 2022, 11 min

direção Antonio Galdino

produção Fabi Melo

elenco Norma Goes

e Ana Júlia Barbo

direção de fotografia

João Carlos Beltrão

Prêmios no Festival Curta Jacarehy (Melhor Curta-metragem pelo Júri Oficial), 16º Fest Aruanda – Festival do Audiovisual Brasileiro (Melhor curta-metragem pelo Júri da Abraccine, Melhor direção, Melhor atriz, Melhor montagem, Melhor figurino e Curta-metragem mais assistido).

SINOPSE Cida, uma mulher marcada pelo abuso doméstico, decide encerrar esse ciclo de violência e ser um exemplo para sua filha, Fia. Ela descarrega suas energias no cuidado da casa e no preparo da refeição familiar: uma ave.

SOBRE O DIRETOR Nascido em Serrinha dos Pintos no Rio Grande do Norte, Antônio Galdino participou do III Revelando os Brasis em 2008, com o documentário *Flores que murcham*. Depois disso mudou-se para o Estados Unidos para estudar cinema na University of Utah, onde realizou como trabalho de conclusão de curso o seu mais recente filme *O Pato*.

MOSTRA DIFUSÃO



MOSTRA DIFUSÃO – DEMOCRATIZANDO O ACESSO

Um dos principais pilares da Mostra Cinema e Direitos Humanos é a democratização do acesso tanto das produções audiovisuais nacionais quanto da pauta dos direitos humanos, permitindo que essas discussões rompam a centralização dos principais eventos apenas nas grandes cidades do país. Com isso em mente, há várias edições o projeto se expande para o interior dos estados atingindo diferentes públicos, dos grandes cinemas às associações de bairro, de bibliotecas e escolas a sistemas prisionais.

Este ano o projeto se integra à nova realidade pós-pandêmica, adotando o formato híbrido, disponibilizando a Mostra em sua integridade em uma plataforma de streaming, onde todos os filmes estarão disponíveis gratuitamente em qualquer local do território nacional. Com a multiplataforma, o espectador poderá assistir aos filmes no horário e local que lhe for mais conveniente, do celular, tablet ou computador.

Buscando atender a todos os tipos de público, garantindo o direito de acesso a produtos culturais e a inclusão, a Mostra disponibiliza todos os seus filmes com recursos de acessibilidade. Todos os títulos online terão disponíveis os três recursos de acessibilidade audiovisual, sendo eles a legenda descritiva, a audiodescrição e a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Cientes de que uma parcela da nossa população ainda não é incluída digitalmente, a Mostra se expande para novos pontos de exibição através de parcerias com instituições públicas e privadas, organizações não governamentais, entre outros, de modo a se tornarem replicadores da Mostra por todo o país. O processo de seleção desses locais é uma ação do Ministério da Cultura que visa atingir 270 pontos, com o objetivo de alcançar, além das capitais, as periferias e interiores dos estados e municípios, contemplando os pontos de exibição, entre eles: os pontos de cultura, cineclubes, instituições educacionais, museus, bibliotecas públicas e comunitárias, espaços e coletivos culturais, movimentos sociais do campo e da cidade, entre outros espaços que realizam atividades culturais e abrem as portas para difundir e debater os Direitos Humanos junto a programação fílmica da Mostra em suas comunidades e territórios.

Todas as informações sobre como ter acesso à Mostra online ou aos locais de exibição estão disponíveis no site do evento:

mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br



oficinas



O CINEMA COMO EXPERIÊNCIA APROPRIÁVEL – MANEIRAS DE PARTILHA DE UMA PRÁTICA

DOUGLAS MORAIS RESENDE¹

TERESA ASSIS BRASIL²

CINTYA FERREIRA MENDES³

Há pouco mais de dez anos, uma parceria se iniciava entre a então Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República e o Laboratório Kumã de Experimentação em Imagem e Som, da Universidade Federal Fluminense, para a realização de um projeto de cinema e educação que viria atuar nos anos seguintes em algumas centenas de escolas de todos os estados do país. De um lado, a Secretaria de Direitos Humanos, que, naquele momento, já havia ganhado status de ministério e vinha realizando a Mostra Cinema e Direitos Humanos, com ações de democratização do acesso a obras nacionais, entre outras atividades; e, de outro, o Departamento de Cinema da UFF, que havia acabado de criar uma licenciatura, abrindo caminho para legitimar o cinema e o audiovisual como mais uma das áreas a poder ocupar as aulas de artes na educação básica. O projeto **Inventar com a Diferença: cinema, educação e direitos humanos** surge, assim, como uma confluência do desejo de ambos os lados de se ter a experiência do cinema como meio para uma atuação social que pudesse articular ao mesmo tempo formação crítica e experiência sensível, do olhar e da escuta.

1. Coordenador do curso de Cinema e Audiovisual Licenciatura (2021-2024) e membro do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da UFF. Co-coordena, com prof. Cezar Migliorin, o Laboratório Kumã de Experimentação em Imagem e Som.

2. Bacharel e Licenciada em Cinema e Audiovisual, mestranda no PPGCine/UFF. É parceira desde 2013 do Programa de Alfabetização Audiovisual e integrante do Laboratório Kumã/UFF. Foi coordenadora da Rede Kino (2018-21).

3. Pesquisa o cinema negro e político de Zózimo Bulbul no mestrado do PPGCine/UFF. Trabalha como oficina de experimentação audiovisual em projetos junto de professores, escolas, comunidades quilombolas, etc e integra o Laboratório Kumã.

Ao longo dessa década, a parceria foi responsável por um sem-número de desdobramentos provocados pela atuação do Inventar com a Diferença em escolas situadas em contextos tão diversos quanto comunidades quilombolas, comunidades indígenas, escolas que funcionam dentro de Centros Socioeducativos e assim por diante. Reapropriações das metodologias propostas nos *Cadernos do Inventar* foram se multiplicando a partir dos processos de formação dos mediadores, responsáveis por levar a prática aos e às professoras e estudantes da educação básica. Novos projetos que se iniciaram a partir dessa experiência, educadores que construíram aí não só um repertório prático e conceitual para atuação em sala de aula, mas também, como muitas vezes, construíram um terreno para pesquisa, colaborando para a constituição do campo do cinema e educação no país.⁴

Entre os casos mais exemplares das apropriações que acompanhamos nos anos do Inventar com a Diferença está a Escola Municipal Infantil José Albino Pimentel, da comunidade quilombola do Gurugi-Ipiranga, situada na zona rural do município do Conde, interior da Paraíba. Depois de um ano recebendo as oficinas do Inventar, professoras da própria escola, aquelas que mais se engajaram nas oficinas, pleitearam junto à diretoria uma sala e, com equipamentos fornecidos pelo projeto, fundaram um espaço que chamaram de Escola Experimental de Cinema. Uma escola dentro da escola, funcionando como um laboratório para a prática e partilha de imagens e sons produzidos pelas crianças junto à comunidade. Até hoje utilizamos como referência os trabalhos realizados nessa comunidade, assim como em várias outras no mesmo município. Como contam Ana Bárbara Ramos e Felipe Leal, mediadores do projeto, o trabalho pelas escolas do Conde “constituem um inventário da cultura do município a partir do ponto de vista dos próprios moradores, e aborda temas como o coco de roda da comunidade quilombola Gurugi-Ipiranga, o mito do pai do mangue da comunidade de Guaxinduba, a ameaça de desestruturação da colônia de pescadores de Jacumã...” e segue a lista de experiências.

Os próprios mediadores das oficinas mais tarde viriam a produzir, eles mesmos, um novo desdobramento dessa experiência com a criação da Escola Semente de Educação Audiovisual. Como eles mesmos relatam, “consideramos esse projeto o marco de nascimento da Semente, uma vez que foi a partir dessa experiência que nos encontramos, nos apropriamos da metodologia do *Inventar*, e passamos a trilhar nosso caminho a partir da pesquisa e desenvolvimento de práticas de educação audiovisual nas escolas”.

4. Diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado têm sido desenvolvidas por professores da educação básica, em várias universidades do país, em torno de suas experiências com o projeto.



Figuras 1-4 *Os meninos da terra/A roda das gerações do coco*, curtas realizados pela Escola Experimental de Cinema da Escola Municipal José Albino Pimentel, implementada pela Semente durante a segunda edição do projeto Inventar com a Diferença.



Figuras 5-8 Filmes-cartas das escolas Dr. Abelardo Alves de Azevedo/Antônio Bento da Silva (Conde/PB), durante a primeira edição do projeto Inventar com a Diferença.

PEDAGOGIA DO DISPOSITIVO

Casos como esses foram nos mostrando que o objetivo de tornar as metodologias desenvolvidas ferramentas reapropriáveis estava sendo alcançado, em alguma medida significativa, nesse e em muitos outros contextos. O próprio Kumã também vive em suas práticas no presente ressonâncias do Inventar, que se desdobrou no atual projeto de pesquisa e extensão Cinema de grupo e práticas de cuidado, continuando as práticas com o que passamos a chamar de uma “pedagogia do dispositivo”, voltadas para professores e professoras da educação básica, mas ampliando o campo de atuação também para profissionais da área da saúde mental.

Mesmo com todas as diferenças e transformações pelas quais, ao longo desse tempo, passaram as práticas do laboratório e de todos os outros desdobramentos que podemos observar, a pedagogia do dispositivo aparece como a principal linha de continuidade desde o Inventar com a Diferença. Trata-se de um esforço por inventar formas de experimentar com o cinema que possam funcionar enquanto um modo de intensificar os sentidos, sobretudo do olhar e da escuta, ao mesmo tempo colocando o sujeito em relação consigo mesmo, com o mundo, com o outro, com o território, registrando espaços, rostos, falas, cantos, formas de trabalho, e produzindo novos sentidos, relações, encontros... e, sobretudo, que possam funcionar como um modo de demonstrar na prática que todos somos capazes de ter uma experiência de criação com os meios do cinema, independente de quaisquer pré-requisitos. Está aí, portanto, um dos objetivos mais importantes da pedagogia do dispositivo: ser o mais reapropriável possível, de modo que essas metodologias possam ser de fato tomadas como ferramentas de trabalho, moldadas a cada vez que são experimentadas – por um sujeito, uma comunidade, a cada contexto social, de acordo com seus desejos, demandas e singularidades.

A noção de dispositivo vem de certas experiências da arte e do cinema ao longo da história e, mais recentemente, das apropriações feitas dentro do próprio campo do cinema e educação.⁵ Nesse contexto, poderíamos nos referir à noção de dispositivo também como simplesmente um “jogo de criação”, desde que qualquer um possa participar, sem pré-requisitos técnicos ou teóricos. Um jogo com algumas regras ou limites dentro dos quais somos convocados a agir no sentido de buscar uma resposta criativa para o desafio colocado.

5. Aqui o trabalho do Cinead, na Faculdade de Educação da UFRJ, é fundamental no sentido de organizar as possibilidades da pedagogia do dispositivo especificamente no campo da educação. Ver *Cinema e educação – Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*, de Adriana Fresquet.

Por exemplo, o Minuto Lumière, talvez o exercício mais popular no campo do cinema e educação, porque é o que melhor sintetiza a lógica do dispositivo:



1. faça um registro de aproximadamente um minuto;

2. com a câmera fixa;



3. sem som.



Um, dois, três. Três linhas que demarcam os limites da criação, dentro dos quais seremos livres para criar. Um jogo entre limites e liberdade. “O dispositivo pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes; e outra de absoluta abertura, dependente da ação dos atores e de suas interconexões”, como escreveu Cezar Migliorin.⁶ Esse talvez seja o elemento constitutivo da noção de dispositivo que mais nos interessa e, certamente, tem a ver com o seu caráter reapropriável. Um ponto de partida é oferecido de modo a desencadear um processo de criação, com os elementos da realidade que já estão ali, mas o trajeto por onde esse processo vai passar se mantém aberto, de modo que cada contexto, sujeito ou grupo possa, ele mesmo, dizer por onde ir, tocar as questões que mais lhe importam. Por isso, é importante ressaltar que o lugar do educador deve então se situar no *meio* – no processo, na ferramenta, nos modos de fazer – deixando que os próprios sujeitos de um dado território definam por onde passará o trajeto e quais os saberes, expressões, problemáticas possuem relevância ali.

No caso de uma comunidade onde o coco tem uma relevância marcante, o dispositivo “música e memória” aparece como uma possibilidade expressiva ao propor “apresentar a cultura e a identidade musical do entorno e pensar na relação música, memória e território”:

6. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*, 2015, pp. 78, 79.

1. em grupo, **abordar** três pessoas de diferentes gerações: crianças, adultos, idosos;
2. pedir a cada uma delas que **cante** o trecho de uma música da qual sempre se recorda e gravar com celular;
3. pesquisar as letras das músicas citadas e **criar** uma cartografia a partir das palavras, personagens e lugares recorrentes nessas letras.

Já no caso de um projeto com educadores e jovens internos de uma escola situada no interior de um Centro Socioeducativo, contexto em que o projeto atuou em algumas cidades,⁷ o dispositivo do “filme-carta” apareceu como uma forma de expressão a dar vazão ao desejo de reconexão com o mundo lá fora, já que ali o “lado de fora” passa a habitar o imaginário em grande parte do tempo, com memórias e projeções. Por isso, um dos projetos que atuaram nesse contexto difícil e controverso, se autointitulou *Cartas ao Mundão* (como os jovens internos do Recife se referem ao lado de fora), tendo sempre as relações com o mundo lá fora como destinatário – real ou fabulado – das imagens, sons e palavras que se articulavam nos processos com outros dispositivos.⁸

1. escolher um destinatário – pessoa, cidade, animal, objeto, lugar, etc;
2. assistir com a turma o material (dispositivos) produzido em outros encontros;
3. dividir a turma em grupos;
4. selecionar, organizar e criar com os materiais disponíveis e/ou capturar e gravar novas imagens, vozes, sons, que se relacionam com o filme-carta.
5. finalizar o filme e enviá-lo ao destinatário.

7. Entre elas, Recife, Vila Velha, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

8. Essa experiência resultou na dissertação de mestrado *Rastros, rastreamentos e alguma coisa sobre os rostos que eu não quero mais riscar: a produção audiovisual de adolescentes sob medidas socioeducativas no projeto Cartas ao Mundão*, de Caio Sales, educador e mediador das oficinas na região metropolitana do Recife.



Figuras 9-16: Filmes-cartas

A ideia para um dispositivo pode surgir do nada, de outras artes, do mundo. Mas frequentemente vamos buscar nos filmes a inspiração, como no caso dos Lumières, do filme-carta etc. Então cada dispositivo costuma vir com um contexto, uma teia de referências que vai compor uma paisagem dentro do universo do cinema. Nesse caso do Minuto Lumière, somos levados ao início da história do cinema, por exemplo. Importante notar, no entanto, que os filmes, as referências históricas/teóricas, chegam junto com uma prática e não de uma maneira puramente expositiva, como um saber já dado, reificado. Mas um saber em movimento, utilizável. Vemos então a pedagogia do dispositivo como uma possibilidade de emancipação do espectador, que não estaria mais no lugar daquele que recebe as imagens criadas alhures, mas que engaja o corpo num fazer em um contexto social vivo.

Um ponto determinante para a elaboração de dispositivos é que existe um modo de percepção e de atenção ao mundo que é específico do cinema, no qual se articulam espaços, temporalidades, a relação entre máquina, corpo (o que filma e o que é filmado), o dentro e o fora de quadro, o visível e o invisível... A prática com as imagens ativa essa atenção ao outro, ao espaço, aos tempos e durações dos movimentos naquele espaço. Ativa uma sensibilidade. Pois o cinema é um instrumento intensificador dos sentidos do olhar e da escuta, sobretudo – ele nos permite ver e ouvir o que nossos olhos e nossos ouvidos sozinhos não poderiam perceber, abrindo ao mesmo tempo a possibilidade para a invenção, numa instigante relação entre aquilo que está dado e seu potencial de transformação. No cinema, enquadrar é uma hiperconcentração da atenção, uma intensificação da percepção. Precisamos fazer e refazer, parar por alguns instantes que seja para observar, com uma certa atenção que não teríamos da mesma forma em nenhuma outra atividade. Essa forma do cinema de agir sobre os sentidos tem, claramente, consequências sobre o sujeito, é um processo subjetivo – ou seja, trata-se de algo que afeta nosso entendimento, nossa percepção, a atenção e a memória.

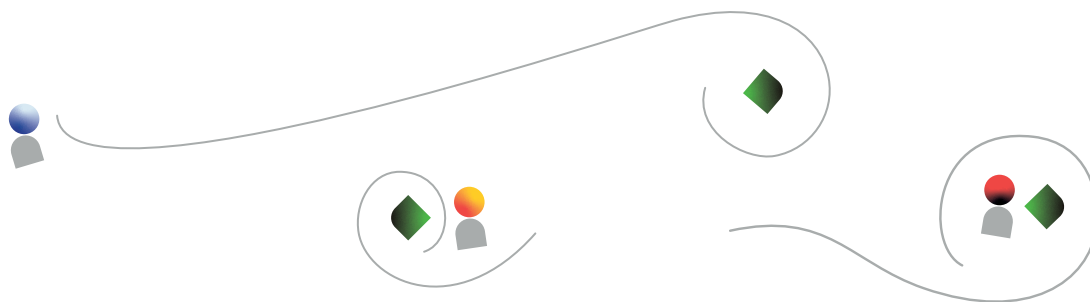
Dizer que a pedagogia do dispositivo situa o educador no meio, nos coloca também em consonância com a ideia de que o conhecimento não é algo já dado e passível de ser ofertado ou transmitido, mas algo que se constrói incessante e socialmente, ou seja, sempre de forma coletiva, em relação. O papel do educador seria então, nesse caso, menos o de transmissor de um saber do qual ele seria o detentor e mais o de produtor de experiências coletivas que irão produzir conhecimento. Como escreveu Paulo Freire na *Pedagogia da autonomia*, não se trata de “transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

As experiências dos últimos anos com o projeto Cinema de grupo e práticas de cuidado radicalizaram essa perspectiva, trazendo para as práticas cotidianas a própria criação de metodologia. No momento

em que os dispositivos são experimentados, podemos colocar uma diferença. Podemos partir, por exemplo, do um, dois, três, do minuto Lumière, e então acrescentar uma quarta linha delimitadora: *filmar “situações de trabalho”*, como no caso das imagens aqui. Linha que, aliás, já estava lá no primeiro cinema, em *A saída dos operários da Fábrica Lumière* (1895). Esse é um motivo interessante porque nos coloca o desafio de filmar outras pessoas e todas as problemáticas e dificuldades que isso normalmente significa, levando a questões éticas, a necessidades de negociação, de estabelecimento de uma relação, por mais fugaz que seja. Mas podemos também fazer colagens de dois dispositivos diferentes: por exemplo, o minuto lumière e “molduras”, processo em que filmamos o plano através de uma moldura qualquer encontrada nos espaços ao redor (uma janela, uma porta, uma fresta etc.), provocando uma dobra no quadro – um quadro dentro do quadro – e um hiperfoco no enquadramento. E depois disso, apreendida sua lógica de funcionamento, passamos a inventar novos dispositivos, nesse mesmo sentido de uma criação de modos de fazer, de metodologia, de meios para nos relacionar com o mundo.



Desvio: mobilizados pela ideia de desvio, realizar cinco fotografias contendo uma relação de montagem entre elas.



Longe, perto, dentro: realizar um **plano sonoro** de até um minuto com três sons que fazem parte da paisagem de um território do seu cotidiano, um som longe, um perto e outro dentro.

É com essa perspectiva que a Oficina de Cinema, Educação e Direitos Humanos se constrói enquanto um espaço para pensar e experimentar na prática as diversas formas por meio das quais o cinema pode participar e transformar sujeitos e territórios. Utilizando a metodologia da Pedagogia do Dispositivo, as atividades direcionadas principalmente para professores e educadores, da rede pública e de outros contextos educacionais, visam levar a esses não apenas mais uma possibilidade de exercícios a serem utilizados com os seus alunos, mas antes a experimentação deles mesmos dos dispositivos propostos. Ou seja, trata-se antes de um trabalho de si – para que o educador se aproprie da ferramenta, é fundamental que ele mesmo seja processado por ela, que traga essa relação de vivência com o que está propondo. Não há assim, nas oficinas, uma cartilha a ser reproduzida posteriormente, mas sim a abertura tanto à própria experimentação dos participantes da oficina quanto das diversas possibilidades de utilização, apropriação e criação da metodologia apresentada.

Pensar um futuro com mais equidade requer novas ferramentas e o cinema pode ser uma dessas, visto que alarga e intensifica o nosso campo do sensível (sobretudo dos sentidos do olhar e da escuta) e, por consequência, das relações do sujeito consigo mesmo, com o outro e com os territórios.



ficha técnica

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA

Ministro de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania
SILVIO LUIZ DE ALMEIDA

Secretária Executiva do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania
RITA CRISTINA DE OLIVEIRA

Chefe da Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos
LETÍCIA CESARINO

Coordenador-Geral de Educação Cidadã da Rede Formal e Popular
JOÃO MOURA

Coordenadora de Educação Cidadã da Rede Formal e Popular
THAIS RIBEIRO

Coordenadora-Geral de Educação em Direitos Humanos e Mídias Digitais
LIGIA MORAIS

Coordenadora de Educação em Direitos Humanos e Mídias Digitais
GIORDANA FREIRE



MINISTÉRIO DA CULTURA



Ministra de Estado da Cultura

MARGARETH MENEZES

Secretário Executivo do Ministério da Cultura

MÁRCIO TAVARES

Secretária do Audiovisual

JOELMA OLIVEIRA GONZAGA

Diretora de Preservação e Difusão Audiovisual

DANIELA FERNANDES

Coordenador-Geral de Políticas de Difusão e Internacionalização Audiovisual

ANDRÉ RICARDO ARAÚJO VIRGENS

Coordenadora de Políticas para Cineclubismo, Educação e Festivais

ADRIANA GOMES SILVA

Chefe de Divisão de Políticas para Cineclubes e Pontos de Exibição

THAYSE LIMEIRA COSTA

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor da Universidade Federal Fluminense
ANTONIO CLAUDIO DA NÓBREGA

Diretora do Instituto de Artes e Comunicação Social
FLÁVIA CLEMENTE DE SOUZA

Chefe do Departamento de Cinema e Vídeo
LÚCIA MONTEIRO

Gestora Administrativa e Financeira
FUNDAÇÃO EUCLIDES DA CUNHA

ARACI - Incubadora Audiovisual UFF

KUMÃ - Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som





equipe da mostra



EQUIPE DA MOSTRA

coordenação geral
INDIA MARA MARTINS

coordenação de produção
RENATA PALHEIROS

coordenação de exibição
KERLON LAZZARI

produção (discentes UFF)
ÁDYS FIGUEIREDO
ANASYLVIA CARDOSO
BEATRIZ GUEDES
EDUARDA BARBOSA
ISAQUE FERNANDES DE CARVALHO
JOHNATHAN BEVENUTO
MARCOS FARIAS
MARIA VALLE
SOFIA WERLANG

curadoria
LÚCIA MONTEIRO

coordenação pedagógica
CEZAR MIGLIORIN

coordenação de educação
DOUGLAS RESENDE

assistente de coordenação de educação
CINTYA FERREIRA MENDES
TERESA ASSIS BRASIL

formação online oficina
CINTYA FERREIRA MENDES
ISAAC PIPANO

estagiários Kumã
BIANCA DE OLIVEIRA DANTAS
SAMUEL VASCONCELOS

coordenação de comunicação
LUMA COELHO

assistentes de comunicação
ERICK RUAN
JOÃO ELIEL
JULIO RYAN
RAFAELA LIMA

fotografia e vídeo
JEFFERSON BASTOS
MARCOS FARIA

assessoria de imprensa
AURACOM

identidade visual da Mostra, projeto gráfico e ilustrações
LUIZ GARCIA | LUGAR ESTÚDIO

logomarca oficial da Mostra
FAJARDO RANINI DESIGN

revisão de texto
EDYLENE SEVERIANO

site
HELIO PEREIRA JR.

vinheta
LEONARDO AYRES

trilha sonora
VINICIUS GOMES

edição
SOFIA WERLANG
RACHEL ARANHA
VINICIUS GOMES

acessibilidade
ALL DUBBING

plataforma de streaming
INNSAEI.TV

oficineiros

ALESSANDRA PEREIRA BRITO
ALINE WENDPAP
AMANARA BRANDÃO
ANA BÁRBARA RAMOS DA SILVA
ANDERSON ARAÚJO
ARTHUR MEDRADO SOARES ARAUJO
CATARINA ANDRADE
CINTYA FERREIRA MENDES
DANIELA SIQUEIRA
DENISE MORAES
FABIO WOSNIAK
FELIPE LEAL BARQUETE
FIDELIS FRAGA DA COSTA
FRANCISCO EWERTON
GABRIEL CORDEIRO

GABRIEL VARALLA
GYL MOURA
ISAAC PIPANO
JOANA HORTA
JUNIOR PINHEIRO
LUIZ SANTANA
MANOEL EDUARDO
MARCIA TEIXEIRA DE MEDEIROS
OLIVER LOPES
RAFAEL BORGES
RONDINELL PALHA
TERESA AZEVEDO BRASIL
VINICIUS FRANQUETO
VITOR RESENDE
WAGNER NOGUEIRA

PRODUÇÃO NAS CAPITAIS

Aracaju/São Cristóvão - SE

Universidade Federal de Sergipe | UFS

produtoras locais

ANA ÂNGELA FARIAS

MARIA BEATRIZ COLLUCI

assistente

RENNAN ALISSON ANDRADE RAMOS

Belém - PA

Universidade Federal do Pará | UFPA

produtor local

LUIZ ADRIANO DAMINELLO

assistente

IZABELA VIVIANE MATOS CHAVES

Belo Horizonte - MG

Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG

produtor local

NATHALIA GOMES

assistente

LARISSA MUNIZ

Boa Vista - RR

Instituto Federal de Roraima | IFRR

produtor local

NEURACI SOARES

assistente

HANNAH SOUZA DE OLIVEIRA

Brasília - DF

Universidade Federal de Brasília | UnB

produtor local

ROSE MAY CARNEIRO

assistente

CLARA SALES RIBEIRO

Campo Grande - MS

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | UFMS

produtor local

MARCIO BLANCO CHAVEZ

assistente

PEDRO KEIZO MIYOSHI

Cuiabá - MT

Universidade Federal de Mato Grosso | UFMG

produtor local

MOACIR FRANCISCO DE SANT'ANA BARROS

assistente

MARIA EDUARDA BRAGA PRIOTTO

Curitiba - PR

Universidade Federal do Paraná | UFPR

produtor local

ROSANE KAMINSKI

assistente

JIMMY FREE AQUINO LEÃO

Florianópolis - SC

Universidade Federal de Santa Catarina | UFSC

produtoras locais

KARINE JOULIE

ISABEL COLUCCI COELHO

assistente

CAROLINA MONTEIRO ALVES

Fortaleza - CE

Universidade Federal do Ceará | UFC

produtor local

DIEGO HOEFEL DE VASCONCELLOS

assistente

BEATRIZ MARIA RODRIGUES DOMINGUES

Goiânia - GO

Instituto Federal de Goiás | IFG

produtor local

JOÃO DANIELL

assistente

RAFAEL JUNIOR FREIRE E ANDRADE

João Pessoa - PB

Universidade Federal da Paraíba | UFPB

produtor local

CARLOS FEDERICO BUONFIGLIO DOWLING

assistente

PAULO ROBERTO OLIVEIRA SANTOS

Macapá - AP

Universidade Federal do Amapá | UNIFAP

produtor local

ALDRIN VIANNA DE SANTANA

assistente

VALÉRIA MORAIS

Maceió- AL

Universidade Federal de Alagoas | UFAL

produtor local

DAVID FARIAS TORRES CHAGAS

assistente

ADDA KAROLINA ALVES FEITOSA

Manaus - AM

Universidade Federal do Amazonas | UFAM

produtor local

JOÃO FERNANDES

assistente

DHYENE VIEIRA

Natal - RN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

produtores locais

THERESA MEDEIROS

JANAINE SIBELLE FREIRES AIRES

MÔNICA MOURÃO PEREIRA

assistente

CECÍLIA NASCIMENTO MELO

Niterói - RJ

Universidade Federal Fluminense | UFF

produtora

RACHEL ARANHA

Palmas - TO

Universidade Federal de Tocantins | UFT

produtor local

INGRID PEREIRA DE ASSIS

assistente

FENELON DAS NEVES MILHOMEM

Porto Alegre - RS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul | UFRGS

produtor local

MIRIAM DE SOUZA ROSSINI

assistente

ISABELLE MERCIO BAVARESCO

Porto Velho -RO

Universidade Federal de Rondônia | UNIR

produtor local

JULIANO JOSÉ DE ARAÚJO

assistente

ALICE MARIA BASTOS BELO

Recife - PE

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE

produtor local

IOMANA ROCHA DE ARAÚJO SILVA

assistente

ISADORA MEDEIROS PIMENTEL DE MELO

Rio Branco - AC

Universidade Federal do Acre | AFAC

produtor local

LEONEL MARTINS CARNEIRO

assistente

STEPHANIE CAROLINE MAROS DANTAS

Salvador - BA

Universidade Federal da Bahia | UFBA

produtores locais

ADIL GIOVANNI LEPRI

MARCELO RODRIGUES SOUZA RIBEIRO

assistente

HYNDRA GOMES LOPES

São Luiz - MA

Universidade Federal do Maranhão | UFMA

produtores locais

GEISIANE CAROLINE

FELIPE DESIDERIO PEREIRA

assistente

HÉVILA MARIA SOUSA SANTOS

São Paulo - SP

Universidade Federal de São Paulo | Unifesp

produtores locais

CAROLINA OTSUKA

MARCELO LACHAT

assistentes

RENAN SILVA TEIXEIRA

OSVALDO RIBEIRO RODRIGUES

Teresina - PI

Universidade Federal do Piauí | UFPI

produtor local

ADRIANA GALVÃO

assistente

MARIA FERNANDA MADEIRA ALAGGIO RIBEIRO

Vitória - ES

Universidade Federal do Espírito Santo | UFES

produtor local

ARTHUR FELIPE DE OLIVEIRA FIEL

assistente

ALINE OLIVEIRA SILVA

agradecimientos

AGRADECIMENTOS | APOIOS À PRODUÇÃO LOCAL

ACRE Fundação de Cultura Elias Mansour - FEM Universidade Federal do Acre (UFAC)

AMAZONAS Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania - SEJUSC | Governo do Estado do Amazonas Faculdade de Informação e Comunicação (UFAM) Cine Vídeo Tarumã Faculdade de Educação (UFAM) Casarão de Idéias Universidade do Amazonas (UFAM)

ALAGOAS SECOM – Sec. de Estado da Comunicação SECULT – Sec. de Estado da Cultura e Economia Criativa DITEAL – Diretoria dos Teatros de Alagoas Mirna Porto - Arquitetura Cenográfica ArtWork Agência Digital Mel Nascimento – Batuque Empreendimentos Árticos Associação Cultural Joana Gajuru Valeria Nunes (Diretora ETA-UFAL) Residência Artística | Escola Técnica de Artes (ETA) | Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

AMAPÁ Clube da Coxinha Licenciatura de Artes Visuais | Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

BAHIA Circuito Sala de Arte Diretoria de Audiovisual (DIMAS) da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) Faculdade de Comunicação (Facom/UFBA) Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT/UFBA) Universidade Federal da Bahia (UFBA)

CEARÁ Casa Amarela Eusélio Oliveira Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT) | Universidade Federal do Ceará (UFC)

DISTRITO FEDERAL Sesc DF DEX (UnB) - Decanato de Extensão DPI - Decanato de Pesquisa e Inovação Faculdade de Comunicação (FAC) | Universidade de Brasília (UnB)

ESPÍRITO SANTO TVE-ES Observatório do Cinema e Audiovisual Capixaba (OCAC/UFES) CIA/UFES (grupo de pesquisa em Comunicação, Imagem e Afeto) Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

GOIÁS Freire Produções Culturais Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro | Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia Instituto Federal de Goiás (IFG)

MARANHÃO May Brownies Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo) | Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

MATO GROSSO Cineclube Coxiponés MUSEAR (Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia - UFMT) Curso de Cinema e Audiovisual Departamento de Comunicação FCA - Faculdade de Comunicação e Artes ICHS (Instituto de Ciências Humanas e Sociais) Coordenação de Extensão (CODEX-UFMT) PROCEV - Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Vivência Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

MATO GROSSO DO SUL Secretaria de Estado de Turismo, Esporte e Cultura do Mato Grosso do Sul Fundação de Cultura do MS Museu da Imagem e do Som - MIS Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande - SEMED Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul - SED/MS Curso de Audiovisual | Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

MINAS GERAIS MIS Santa Tereza | Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte | Prefeitura de Belo Horizonte Vanessa Santos - Coordenação Cine Santa Tereza - CST / Diretoria de Promoção das Artes - DPAR Professora Cláudia Mesquita (PPGCOM) | Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

PARÁ Cine Libero Luxardo | Fundação Cultural do Estado do Pará | Governo do Pará Faculdade de Artes Visuais | Universidade Federal do Pará (UFPA)

PARAÍBA FUNETEC PB, NPD-PB Cinema Aruanda Centro de Comunicação Turismo e Artes (CCTA) Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

PARANÁ Cinemateca de Curitiba | Fundação Cultural de Curitiba Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo da Unespar Bacharelado em História, Memória e Imagem (UFPR) Linha de Pesquisa Arte Memória e Narrativa | Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

PERNAMBUCO PROEXC Departamento de Comunicação Adufepe DACine Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

PIAUÍ Ouvidoria Geral do Estado do Piauí Semec Seduc Sesc PI Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RIO DE JANEIRO Alexandre Medeiros (EDG) Pablo Sereno (EDG) Bia Ambrogi (InnSaei.TV) Sidney Augusto (Simag) Rafael Flores Rosa dos Ventos Ana Lúcia da Motta (All Dub) Departamento de Programas e Projetos | Subsecretaria de Projetos Educacionais Transversais – SSPET Superintendência de Comunicação Social – UFF Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - CEPEX Alberto di Sabbato Leila Gatti Sobreiro Julio Cesar Andrade de Abreu Fundação Euclides da Cunha Diogo Alves José Walkimar de Mesquita Carneiro Mário Ronconi Livia Cabrera Leonardo Guelman Centro de Artes UFF Daniele Fonte Alves Flávia Clemente Laboratório Kumã Araci Incubadora Audiovisual Departamento de Cinema e Vídeo | Instituto de Artes e Comunicação Social | Universidade Federal Fluminense (UFF)

RIO GRANDE DO NORTE Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual – EPA / UFRN Grupo de Investigações sobre Linguagem Memória e Representação - GILMAR / UFRN Centro de Referência em Direitos Humanos - CRDH / UFRN Departamento de Comunicação Social – DECOM | Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - PPGEM | Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RIO GRANDE DO SUL Sala Redenção | Divisão Cultural PROEXT GCCOP PPGCOM FABICO | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RONDÔNIA Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) Sesc RO Pró-Reitoria de Cultura Extensão e Assuntos Estudantis (PROCEA) | Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RORAIMA Instituto Federal de Roraima (IFRR)

SANTA CATARINA Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos Projeto Jornalismo e Ação Comunitária Móbile Educacional Departamento de Artes | Curso de Graduação em Cinema (UFSC) Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Equidade (UFSC) Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina Departamento de Jornalismo | Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

SÃO PAULO Instituto Vladimir Herzog, Cinemateca Brasileira | Sociedade Amigos da Cinemateca, Unifesp

SERGIPE Colégio Atheneu Prefeitura de São Cristóvão Movimento dos Trabalhadores Urbanos (MOTU) Secretaria de Estado de Educação e da Cultura de Sergipe (SEDUC) Instituto Banese Museu da Gente Sergipana Colégio de Aplicação (CODAP-UFS) Núcleo Interdisciplinar de Cinema e Educação (NICE-UFS) Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE-UFS) Curso de Cinema e Audiovisual (UFS) Universidade Federal de Sergipe (UFS)

TOCANTINS Sesc TO Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) | Universidade Federal de Tocantins (UFT)

INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO | PRODUÇÕES LOCAIS









Apoiadores Nacionais





Produção

DEPARTAMENTO DE
cinema e vídeo



uff Universidade
Federal
Fluminense

Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

